UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

MARIA AVILA TRIGO

INCIDÊNCIA DE ESTRANGEIRISMOS EM LÍNGUA INGLESA NA ÁREA ECONÔMICA DO DISCURSO JORNALÍSTICO

São Paulo
2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

MARIA AVILA TRIGO

INCIDÊNCIA DE ESTRANGEIRISMOS EM LÍNGUA INGLESA NA ÁREA ECONÔMICA DO DISCURSO JORNALÍSTICO

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Profa. Dra. Elisa Guimarães

São Paulo
2007

MARIA AVILA TRIGO

INCIDÊNCIA DE ESTRANGEIRISMOS EM LÍNGUA INGLESA NA ÁREA ECONÔMICA DO DISCURSO JORNALÍSTICO

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof[a]. Dr[a]. Elisa Guimarães (Orientadora)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof[a]. Dr[a]. Vera Lúcia Harabagi Hanna
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof[a]. Dr[a]. Zilda Maria Zapparoli
Universidade de São Paulo

Dedicatória

Ao meu marido, João Trigo, e aos meus filhos, Luís Felipe e Francielle, que sempre valorizaram e incentivaram as minhas idas ao mundo do conhecimento.

Agradecimentos

À minha orientadora, Profª. Drª. Elisa Guimarães, minha eterna gratidão, por compartilhar comigo os seus conhecimentos, pela competência, pela paciência, pela disponibilidade e pelo incentivo com que conduziu os meus estudos.

À Profª. Drª. Vera Lúcia Harabagi Hanna e à Profª. Drª. Zilda Maria Zapparoli, pelos comentários e pelas valiosas sugestões apontadas no decorrer do exame de qualificação.

Ao meu marido, João Trigo, pelo apoio incondicional, pelas sugestões, pelo incentivo e pelos conhecimentos que muito me ajudaram.

Aos professores e funcionários da Pós-Graduação Mackenzie, pelo incentivo à realização deste trabalho.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie pelo apoio do Fundo Mackenzie de Pesquisa através da Reserva Técnica.

Epígrafe

"Trabalho intelectual é uma expressão errada.
Não é trabalho, é prazer,
dissipação, nossa maior recompensa".

Mark Twain

Resumo

Esta dissertação procura examinar o uso de estrangeirismos nos suplementos *Economia,* do jornal O *Estado de S. Paulo,* e *Dinheiro,* do jornal *Folha de S. Paulo,* em um período de três meses - de maio a julho de 2006. A partir de críticas feitas à inserção do estrangeirismo na língua portuguesa do Brasil, em especial ao Projeto de Lei 1676/99, do deputado Aldo Rebelo, que "Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa", este trabalho objetivou mostrar como o estrangeirismo se constitui em uma fonte de acréscimo à natureza mutável de uma língua. Para tanto, baseamo-nos em especialista com trabalhos voltados para esse tema, como Carlos Alberto Faraco (2004), Nelly Carvalho (1987), José Luiz Fiorin (2004), Ana Maria S. Zilles (2004), Ieda Maria Alves (2004), Maria Tereza C. Biderman (2001), além de discursos diversos, como debates na imprensa sobre o uso de termos estrangeiros, leis, projetos de lei e decretos. A fim de procurar elucidar a questão do uso de estrangeirismos, fizemos uma abordagem quantitativa, onde mostramos a freqüência e comportamento desses estrangeirismos no *corpus.* Os resultados evidenciaram que é possível termos a ampla presença deles num texto escrito na língua portuguesa do Brasil. Tal estudo permitiu-nos considerar que o uso de estrangeirismos na área econômica do discurso jornalístico não constitui uma ameaça lingüística, mas sim uma variante lexical na língua portuguesa do Brasil.

Palavras-Chave: Estrangeirismo; Intolerância; Anglicismo; Jornalismo.

Abstract

This dissertation approaches the use of foreignisms in the supplements *Economia* (Economics*)* of the newspaper *O Estado de São Paulo* (The State of São Paulo) and *Dinheiro* (Money) of the newspaper *Folha de São Paulo* (São Paulo's Newspaper) for a period of three months, from May to July, 2006. As from the criticism made to the insertion of foreignisms into Brazil's Portuguese language, specially by the Bill 1676/99 of congressman Aldo Rebelo, which "Disposes on the promotion, protection, defense and usage of the Portuguese language", this study aimed at showing how the foreignisms constitute themselves as a source of accretion to the changeable nature of a language. In order to achieve that, we based our work on specialists who have been dealing with foreignisms, such as: Carlos Alberto Faraco (2004), Nelly Carvalho (1987), José Luiz Fiorin (2004), Ana Maria S. Zilles (2004), Ieda Maria Alves (2004), Maria Tereza C. Biderman (2001) and on several discourses: debates in the press about the use of foreign words and expressions, laws, bills and decrees. In order to enlighten the use of foreignisms, we made use of a quantitative approach in which we showed their frequency and behavior in the *corpus.* The results made evident that it is possible to have the wide presence of foreignisms living together with a text which has the Brazilian Portuguese language as its basis. Such study allowed us to consider that the use of foreignisms in the economy area of the journalistic discourse does not represent a linguistic threaten, but constitutes a lexical variant in Brazil's Portuguese language.

Key-words: Foreignism; Intolerance; Anglicism; Journalism.

Sumário

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 18

1 **ABORDAGEM TEÓRICO/METODOLÓGICA**

1.1 Metodologia..... 27

1.2 Estrangeirismo: Processo de Criação Vocabular..... 30

2 **CONTEXTUALIZANDO:**

2.1 Panorama geral da economia brasileira..... 39

2.2 Movimento em defesa da Língua Portuguesa - PL1676/99..... 47

3 **LINGUAGEM JORNALÍSTICA E OS ESTRANGEIRISMOS**

3.1 Aplicação no *corpus* das normais editoriais e estilo contidas no Manual de Redação do jornal *O Estado de S.Paulo* no período de maio a julho de 2006..... 62

3.2 Aplicação no *corpus* das normais editoriais e estilo contidas no Manual de Redação do jornal *Folha de S.Paulo* no período de maio a julho de 2006..... 75

4 **ANÁLISE QUANTITATIVA E COMPARATIVA DAS INCIDÊNCIAS DOS TERMOS COLETADOS NO JORNAL *O ESTADO DE S.PAULO* E NO JORNAL *FOLHA DE S.PAULO***

4.1 Tabelas e Gráficos dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* nos meses de maio, junho e julho de 2006..... 90

4.2 Freqüência do uso dos estrangeirismos..... 103

4.3 Análise comparativa das incidências dos estrangeirismos nos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo* nos meses de maio, junho e julho de 2006..... 107

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 113

GLOSSÁRIO..... 120

REFERÊNCIAS..... 139

ANEXO I – PROJETO DE LEI 1676/99..... 143

ANEXO II - AMOSTRA DO *CORPUS*..... 153

Introdução

Introdução

Partindo do pressuposto de que o estrangeirismo é um fato recorrente da língua, o trabalho que desenvolvemos tem por objetivo analisar quantitativamente o emprego de terminologia em língua inglesa no discurso jornalístico e, mais especificamente, na área econômica. Trata-se, pois, de um estudo de caráter lexicológico que tem como *corpus* unidades de cunho terminológico.

Todo leitor de periódicos se depara, na seção de economia, com numerosa terminologia peculiar a um discurso específico. Em vista disso, nos propomos elaborar um levantamento das incidências dos termos em língua inglesa encontrados no suplemento *Economia,* do jornal *O Estado de S.Paulo,* e no suplemento *Dinheiro,* do jornal *Folha de S.Paulo***,** no decorrer de um período de três meses (de maio a julho de 2006). Pretendemos, ainda, tecer comentários a respeito das incidências desses termos, bem como discutir alguns aspectos e reações ao projeto de lei n.º 1676/99, de autoria do deputado Aldo Rebelo. Será ainda objeto das nossas reflexões a aplicação, ou a não aplicação, pelos jornalistas, das normas editoriais e de estilo estabelecidas nos manuais de redação dos respectivos jornais, com relação ao uso de estrangeirismos.

Adotamos o discurso jornalístico como base para nosso trabalho por considerarmos a imprensa como uma das principais vias de introdução e consolidação das inúmeras modificações da linguagem, notadamente dos empréstimos à língua estrangeira.

Diana Luz Pessoa de Barros (in AMANCIO, 2006, p.61-93) também destaca a importância da imprensa quando afirma que:

> O papel dos meios de comunicação, sobretudo da imprensa, é fundamental para divulgar e fixar o uso do termo estrangeiro e, às vezes, para introduzi-lo.

A escolha da área aqui focalizada deve-se ao fato da marcante influência econômica dos Estados Unidos da América no Brasil e no mundo; quanto à eleição dos anglicismos em geral, justifica-se por ser a língua inglesa o meio de comunicação por excelência, tanto do mundo científico como do mundo de negócios. O idioma inglês avança a passos largos no mundo e projeta-se como a língua capaz de suprir todas as necessidades de comunicação entre os mais diferentes povos e culturas. Conforme David Crystal (1997):

> - Já em 1981, 75% de todos periódicos científicos eram publicados em inglês.
> - Cerca de 80% da informação em todos os computadores do mundo é em inglês.
> - Cerca da metade de todas as empresas da Comunidade Européia comunica-se entre si em inglês.

Seguindo o mesmo raciocínio, destacamos um trecho do artigo, "*Está bom para inglês ver*", de Vera L. Harabagi Hanna (2004), sobre a posição de "língua global" que a língua inglesa atualmente ocupa:

> A partir da segunda metade do século XX, a língua inglesa transformar-se-ia em "*world English*", ou seja, uma "*língua global*", vinda agora dos Estados Unidos mais do que da Grã-Bretanha e que sabemos amada e odiada, aceita e rejeitada, usada e evitada com a mesma força por diferentes grupos sociais ao redor do mundo. É hoje a língua da televisão, do cinema, da propaganda, da música, das notícias, dos políticos.

A mesma autora ainda acrescenta:

> Com o olhar do presente, constatamos que o mundo globalizado de hoje é muito semelhante ao de duzentos anos atrás, em que a Grã-Bretanha cuidava da internacionalização da vida econômica, ou seja, a globalização financeira já falava inglês, e que a vida política e cultural envolvia (e envolve) interação e simultaneidade. Continuamos dependentes – de maneira invisível – de uma imensa rede de indivíduos, desde as pessoas ao nosso redor àquelas do outro lado do mundo.

Por isso, no que diz respeito à presença de termos ingleses no léxico do português do Brasil, o interesse pelo tema adquire importância social na medida em que visa avaliar as interferências de uma língua estrangeira, bem como sua própria cultura e visão de mundo sobre outra língua. Tendo em vista esta conjuntura, partimos dos pressupostos bakhtinianos de que todo signo lingüístico é ideológico, de que a ideologia é um reflexo das estruturas sociais e de que toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. (FARACO, 2003, p.45-85)

Mas que motivos levam uma língua a emprestar palavras ou estrutura(s) de outra(s)? O motivo mais comum é a ausência de um termo ou expressão na língua vernácula, que se vê, então, obrigada a utilizar um estrangeirismo.

Um trecho do artigo de Luiz Carlos Bresser Perreira (*FSP,* 08 mai. 2006, B2), intitulado *Império ou hegemon*[1]*,* exemplifica bem esse motivo:

> "Para se auto-identificar, os próprios americanos passaram a usar com freqüência a palavra "*hegemon*", para a qual não existe substantivo em português. Não há, porém, razão para não incorporar ao vernáculo essa palavra sem aspas nem itálico, porque é provavelmente a que melhor caracteriza a grande nação americana."

No entanto, a questão é que o estrangeirismo, ainda que presente como fato notório em todas as línguas, tem causado muita polêmica. Tanto que gerou o Projeto de Lei do deputado Aldo Rebelo, que proíbe escrever e até falar palavras estrangeiras. Este projeto "*Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa*." A leitura do texto da justificação do projeto deixa bem claro que o grande alvo de ataque do autor são os estrangeirismos, mais precisamente, as palavras de origem inglesa:

---

[1]*Hegemon*: relativo a hegemonia – supremacia, influência preponderante, autoridade soberana; liderança, predominância ou superioridade.

> De fato, estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como "*holding*", "*recall*", "*franchise*", "*coffee-break*", "*self-service*" – de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados – como "startar", "printar", "bidar", "atachar" , "database". E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e esrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral em inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano ...

Este contexto justifica a discussão, neste trabalho, das reações contrárias ao PL 1676/99, que não demoraram a surgir e que vieram de diferentes fontes. Para atingirmos este objetivo, baseamo-nos nos estudos de especialistas que enfocam o tema dos estrangeirismos: Carlos Alberto Faraco (2004), Nelly Carvalho (1987), José Luis Fiorin (2004), Ana Maria S. Zilles (2004), Ieda Maria Alves (2004), Maria Tereza C. Biderman (2001). Além disso, examinamos discursos diversos, como debates na imprensa sobre o uso de termos estrangeiros, leis, projetos de lei e decretos.

Através de uma análise quantitativa do corpus, relacionamos os termos mais freqüentes nos jornais já indicados e registramos essas incidências por meio de quadros e gráficos. Para a amostragem das palavras componentes desta pesquisa, valemo-nos de nossa posição como falantes da língua portuguesa do Brasil, ou seja, a amostragem foi

condicionada à nossa experiência em termos de utilização da língua materna.

Quanto à estruturação desta dissertação, são desenvolvidos quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais:

No primeiro capítulo, serão apresentadas a metodologia do trabalho e algumas definições e classificações de estrangeirismos.

No segundo, fazemos uma contextualização da economia brasileira no período de maio a julho de 2006 e uma breve abordagem dos fatos representativos desse momento de uma certa estabilidade em nossa economia. Também discutimos alguns aspectos do já referido Projeto de Lei 1676/99, de autoria do deputado Aldo Rebelo, e algumas reações que ele provocou.

No terceiro capítulo serão apresentados alguns comentários sobre a linguagem jornalística e os estrangeirismos. Será também objeto de estudo a comparação entre as normas editoriais e de estilo estabelecidas pelos manuais de redação do jornal *O Estado de S.Paulo* e do jornal *Folha de S.Paulo* e a aplicação, ou não, dessas normas com relação aos termos estrangeiros encontrados no *corpus,* todos dos suplementos *Economia,* do jornal *O Estado de S.Paulo,* e *Dinheiro,* do jornal *Folha de S.Paulo*.

No quarto capitulo, apresentamos as tabelas e gráficos com a incidência de estrangeirismos no *corpus*, bem como as palavras mais recorrentes. Em seguida, compilamos os termos coletados, visando à elaboração de um miniglossário de termos técnicos em economia.

Por último vêm as considerações finais e as referências bibliográficas, com a relação das obras consultadas ao longo da elaboração deste estudo.

Anexamos ao trabalho uma cópia do texto do Projeto de Lei 1676/99 (Anexo I) e uma amostra do *corpus* (Anexo II).

Capítulo 1: Abordagem Teórico-Metodológica

Metodologia

1.1. Metodologia

Nos suplementos de *Economia,* do jornal *O Estado de S.Paulo,* e *Dinheiro,* do jornal *Folha de S.Paulo*, abrangendo os meses de maio, junho e julho de 2006 (num total de 5307 artigos em 184 suplementos), fizemos a coleta manual[2] de estrangeirismos.

Antes de iniciarmos esse levantamento, recorremos a Faraco em busca do conceito de "estrangeirismo". Para ele, o termo refere-se a "palavras e expressões de outras línguas, usadas correntemente em algumas áreas do nosso cotidiano." (2004, p.9)

Com esse dado inicial em mãos, optamos por restringir nosso foco aos anglicismos, considerando como tais quaisquer termos de língua inglesa que não possuem adaptação para a Língua Portuguesa do Brasil. O critério utilizado foi o critério lexicográfico.

Um exemplo dos termos que coletaremos é a palavra *boom,* que não sofreu nenhum tipo de adaptação ao português falado no Brasil, por isso foi considerada como estrangeirismo, como vemos a seguir:

" Até 2004*, boom*[3] de exportações." ("Comércio Exterior". *OESP*, 27 jun. 2006, B4).

---

[2] Ressaltamos que embora a coleta dos estrangeirismos tenha sido feita de forma manual, já existem ferramentas informáticas e métodos estatístico-descritivos que fazem o gerenciamento do léxico. Entre eles, o programa STABLEX, desenvolvido por André Camlong na Universidade de Toulouse II, e o programa *WordSmith Tools,* de Mike Scott, publicado pela Oxford University Press.

[3] *Boom*: desenvolvimento acelerado.

O critério de seleção do período de análise do *corpus* (maio a julho de 2006*)* foi aleatório; não houve a preocupação em escolher um período específico.

Para procedermos à definição/tradução dos termos coletados, recorremos aos seguintes dicionários: *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2006) e *Cambridge Advanced Learners Dicionary* (2003). Recorremos também a dois dicionários terminológicos: Dicionário de Termos Financeiros e Bancários (2006) e Dicionário de Economia do século XXI (2006).

Por razões de ordem prática, para os jornais pesquisados foram adotadas as seguintes abreviaturas:

OESP - para o jornal *O Estado de S.Paulo*

FSP - para o jornal *Folha de S.Paulo*

Estrangeirismo: Processo de Criação Vocabular

1.2 - Estrangeirismo: Processo de Criação Vocabular

O estrangeirismo é classificado de acordo com a sua origem, e os mais freqüentes são os seguintes: anglicismo, galicismo, latinismo, helenismo, italianismo, espanholismo e arabismo. É encontrado com bastante freqüência em vocabulário técnico, na economia, informática, esportes e publicidade.

O trabalho que desenvolvemos tem como objeto de estudo o Anglicismo, que é uma palavra ou expressão proveniente da língua inglesa e empregada em outras línguas.

Apresentamos, a seguir, diferentes conceituações para o fenômeno do estrangeirismo.

Segundo Alves (2004, p.72):

> O léxico de um idioma, entretanto, não se amplia exclusivamente por meio de acervo já existente: os contatos entre as comunidades lingüísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua.

Ainda segundo a mesma autora (2004, p.72-77), o estrangeirismo passa por algumas etapas até integrar-se à língua receptora. Primeiramente, o elemento estrangeiro é sentido como externo à língua vernácula, não fazendo parte do seu acervo lexical. Em seguida, o estrangeirismo é empregado juntamente com uma forma vernácula,

sobretudo em textos escritos, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor. Essa forma traduzida pode tornar-se uma forma concorrente do estrangeirismo, alternando-se com ele; ou seja, num mesmo texto, para que não fique repetitivo, emprega-se ora o estrangeirismo ora o equivalente vernáculo.

Para a autora, a etapa propriamente neológica do estrangeirismo ocorre quando há integração à língua receptora. Essa integração pode manifestar-se por meio de adaptação gráfica, morfológica ou semântica. Exemplos de adaptação gráfica seriam *shampoo/xampu* e *tournée/turnê.* Já as adaptações morfológicas ocorrem quando os empréstimos começam a formar derivados ou compostos, como por exemplo: *estressar, estressante, estressado* (vocábulos derivados da base *stress).* As adaptações semânticas dizem respeito à mudança de significado que pode sofrer o empréstimo. Para esses casos, a autora oferece alguns exemplos, entre eles *skin-head,* cujo significado originalmente é "integrante de uma associação de jovens que usam as cabeças raspadas" e passa a significar "integrante do samba que usa a cabeça raspada". Observe-se no texto: "Sem nunca desligar seu radar detector de pesos-pesados, Pina – a *skin-head* do samba - caiu na gandaia." (*Folha de S.Paulo,* 1989, in ALVES, 2004, p.78). Como forma de integração do empréstimo, a autora ainda cita o decalque, ou seja, "a versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora. O sintagma *alta tecnologia,* decalcado no inglês *high technology,* constitui um exemplo dessa espécie de adaptação. " (ALVES, 2004, p.79)

Para Carvalho (1989, p.43), a introdução de um termo estrangeiro em um sistema lingüístico passa por quatro fases:

Palavra estrangeira (existente na língua A)

|

Estrangeirismo (usado na língua B)

| |

Empréstimo (adaptação de qualquer tipo na língua B)

Xenismo (ausência de adaptação para a língua B)

Carvalho (1989, p.43) utiliza a dicotomia saussuriana *langue/parole* para explicitar a diferença entre "estrangeirismo" e "empréstimo": o "estrangeirismo" faz parte da *parole*, sendo o seu uso individual, e o "empréstimo" passa a ser um elemento da *langue,* já devidamente socializado. Diz ela ainda que:

> ...alguns empréstimos continuariam como fatos da parole, pois não são utilizados em novos enunciados e outros seriam da langue, pela freqüência de uso.

Carvalho também faz uma outra distinção entre "empréstimo" e "estrangeirismo" e ressalta que essa diferença conceitual deve ficar bem clara. A autora compara os "empréstimos lingüísticos" aos "empréstimos monetários" feitos pelo Brasil:

> ...embora o governo brasileiro receba em dólares, estes são transformados em cruzados para uso no território nacional. Assim, o empréstimo é o estrangeirismo adaptado de várias formas. (1989, p.47)

Barros (in AMANCIO, 2006, p.61-93) também estabelece uma distinção entre "empréstimos lingüísticos" e "estrangeirismos"; ela define empréstimos lingüísticos como sendo "termos ou estruturas de uma língua que se adaptaram e se integraram na língua que as recebeu e que, por isso, não produzem mais o efeito de estranhamento; não são mais sentidos como "de fora" da língua e sim considerados como parte integrante dela". Já os "estrangeirismos" são definidos como sendo "termos ou estruturas de uma língua, que são sentidos como estrangeiros na língua que os recebeu".

Barros ainda acrescenta que nem sempre é fácil distinguir o empréstimo do estrangeirismo, mesmo quando há critérios lingüísticos (adaptação do vocábulo estrangeiro ao padrão da língua) de uso e práticos (a presença ou a ausência do termo nos dicionários da língua).

Para a autora, a "escolha" do "empréstimo lingüístico" ou do "estrangeirismo" entre as formas de criação de vocábulos novos tem motivos de três ordens, que, em geral, explicam o uso do "estrangeirismo" em lugar do emprego de vocábulos criados com recursos da própria língua:

- Os contatos lingüísticos decorrentes da necessidade que têm os homens de interagir;
- A facilidade do empréstimo em relação à criação de novos termos;
- Os sentidos específicos dos vocábulos estrangeiros em relação ao outros neologismos e, conseqüentemente, os papéis diferenciados que tais termos assumem na organização persuasiva e argumentativa do discurso.

Biderman (2001, p.203-213) distingue dois tipos de neologismos: o neologismo conceptual – "acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer" – e o neologismo formal, que se constitui numa "palavra nova introduzida no idioma", podendo ser tanto um termo vernáculo como um empréstimo estrangeiro. Dentre os estrangeirismos, a autora reconhece ainda três tipos: 1) o decalque, que constitui a tradução literal da palavra na língua de origem (exemplos: *credit card/cartão de crédito, feed back/ (retroalimentação);* 2) a adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira (exemplos: *cocktail/coquetel, toilette/toalete, chauffeur/chofer);* e 3) a incorporação do vocábulo com a sua grafia e fonética originais (exemplos: *best-seller, check-up, close-up, cow-boy, gangster, hamburger, hardware, know-how, layout, marketing, shopping center, show, etc.).*

Ainda na tentativa de mostrar os estrangeirismos como enriquecedores das línguas, Schmitz (in FARACO, 2004, p.104-105) afirma que:

> ...a presença de vocábulos estrangeiros contribui para enriquecer qualquer idioma. Receber palavras de origem estrangeira em forma de empréstimo nada tem a ver com a soberania político-econômica. Os idiomas são palcos de mestiçagem e de interculturalidade e não devem ser vistos como baluartes ou fortalezas de nacionalidade, pois as nações-estados contêm diferentes etnias com diferentes identidades. A presença de estrangeirismos na língua portuguesa de nenhuma forma ameaça a cultura brasileira, amplamente definida como literatura, música, teatro, folclore e dança.

Garcez e Zilles (in FARACO, 2004, p.15) definem estrangeirismo como sendo:

> ...o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades lingüísticas, também chamado de empréstimo. A noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo.

Segundo Garcez e Zilles (in FARACO, 2004, p.18), é importante notar que:

> ...embora pareça fácil apontar, hoje, *home banking* e *coffee break* como exemplos claros de estrangeirismos, ninguém garante que, daqui a alguns anos, não estarão sumidos de bocas e mentes, como o *match* do futebol, o *rouge* da moça; assim como ninguém garante que não terão sido incorporados naturalmente à língua, como o garçom e o sutiã, o esporte e o clube.

Para os mesmos autores:

> ... uma breve reflexão sobre o que hoje é parte legítima da língua, mas não foi ontem, já indica que não é simples dizer como algo deixa de ser um estrangeirismo e passa a ser parte da língua da comunidade. (in FARACO, 2004, p.18-19)

Como pudemos observar, os autores citados incluem os estrangeirismos como um dos processos de criação vocabular. É natural que um país carente de determinadas tecnologias importe-as de outro. E, ao se transferir a tecnologia, transfere-se também o termo que a denomina, razão pela qual ocorre a alta incidência de estrangeirismos na língua portuguesa do Brasil, país cuja balança comercial ainda se caracteriza por exportar fundamentalmente matéria-prima e importar tecnologia, o que torna o País mais afeito à entrada de termos estrangeiros, fundamentalmente os anglicismos, pois é inegável o prestígio, notoriamente dos Estados Unidos da América, não só aqui como em todo o mundo.

Capítulo 2: Contextualizando

Panorama Geral da
Economia Brasileira
(Maio a julho de 2006)

2.1 - Panorama geral da economia brasileira (de maio a julho de 2006)

Buscamos ressaltar alguns dos principais eventos que foram manchetes no período entre maio e julho de 2006, nos suplementos *Dinheiro,* do jornal *Folha de S. Paulo,* e *Economia,* do jornal *O Estado de S. Paulo*, com o intuito de proceder a um comentário sobre a conjuntura econômica do Brasil. Optamos por transcrever alguns trechos dos artigos relativos à economia brasileira, restringindo-nos àqueles em que ocorreu o uso de estrangeirismos especificamente relacionados aos campo lexical da economia. Não nos esquecemos, porém, de inseri-los num contexto mais amplo, vinculado a outros países, uma vez que:

> A despeito dos progressos alardeados nos últimos anos, a nova onda de turbulência financeira global mostrou que o Brasil continua entre os líderes do *ranking*[4] de países mais vulneráveis às oscilações da economia no resto do mundo. (("País avança, mas segue vulnerável". *FSP*, 28 mai. 2006, B1).

A nacionalização das petrolíferas pela Bolívia foi destaque em maio de 2006 nos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo.* Por ordem de Evo Morales, refinarias e campos de exploração da Petrobrás foram ocupados pelo exército boliviano:

---

[4] *Ranking:* classificação ordenada de acordo com critérios determinados.

> O Estado boliviano se apropriará, a título de imposto sobre produção, de 32% das receitas além de 18% de *royalties*[5]...Além da Petrobrás, atuam na Bolívia a *joint venture*[6] Repsol-YPF, a British Gas, a British Petroleum, a franco-belga Total-Elf e as americanas Panamerican e Exxon-Mobil. ("Tensão na América do Sul". *OESP*, 02 mai. 2006, B1).

Com relação a este episódio, o governo brasileiro optou por reconhecer o direito soberano da Bolívia de nacionalizar suas riquezas, e o nosso presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, evitou tecer críticas à decisão boliviana.

Também nesse período há destaque para a crise da Varig e a luta das três classes de credores, que incluem funcionários, empresas de *leasing*[7] e empresas estatais, no sentido de encontrarem a melhor solução para os problemas financeiros da empresa.

Ainda no mês de maio de 2006, outro fato relevante foi o aumento do dólar que alcançou o patamar de R$2,40 e ajudou o governo na redução da dívida pública. Segundo informação do Banco Central, 1% de valorização da moeda norte-americana provoca uma queda de aproximadamente R$ 400 milhões no endividamento público:

---

[5] *Royalties:* compensação ou parte do lucro paga ao detentor de um direito qualquer.

[6] *Joint-venture*: associação de sociedades, sem caráter definitivo, para a realização de determinado empreendimento comercial, dividindo as suas obrigações, lucros e responsabilidades.

[7] *Leasing:* modalidade de contrato de arrendamento que associa aluguel e venda à prestação, por meio de uma técnica especial de financiamento.

> ...para tentar conter a queda do dólar uma das políticas adotadas pelo BC foi vender *"swap"*[8]. Na prática, é como se o mercado tivesse dívida em dólar a receber do BC. Sempre que o dólar sobe, a dívida pública cai. ("Análise". *FSP,* 24 mai. 2006, B3)

Outro destaque nos jornais mencionados diz respeito à atividade econômica, que continuou a se recuperar. O crescimento do consumo, empurrado pela valorização do real e pelo aumento do crédito ao consumidor, foi o móvel predominante desse crescimento. Os juros recuam, mas continuam entre os mais altos do mundo, e, segundo informação do Banco Central, a tendência é de permanecerem assim por muito tempo. A expectativa do mercado financeiro era de que esse quadro mudasse com a redução da taxa Selic, que remunera as operações de curto prazo feitas pelos bancos e serve de referência para os juros cobrados nos demais empréstimos:

> Em tese, a queda da Selic reduz o custo que os bancos têm para captar dinheiro no mercado e deveria levar também à queda de juros bancários. Esse repasse pode ser medido pelo comportamento do chamado *"spread"* bancário – a diferença entre o custo de captação das instituições financeiras e a taxa efetivamente cobrada nos empréstimos*."* ("Juros recua, mas segue entre os mais altos". *OESP,* 03 jun. 2006, B1).

---

[8] *Swap:* reverso, concessão de empréstimos recíprocos entre bancos, em moedas diferentes e com taxas de câmbio idênticas.

Como constatamos, a força motriz do crescimento do consumo foi a ampliação do crédito ao consumidor; no entanto, a continuidade da ampliação do crédito depende da manutenção do baixo risco de inadimplência e do incentivo proporcionado aos bancos pela queda das taxas reais de juros e pela curva invertida de juros. E, neste campo, as perspectivas eram extremamente favoráveis.

A crise da Varig continuou em destaque nos jornais mencionados e no meio dessa crise ficaram os passageiros, que se aglomeravam no balcão de *check-in*[9] da companhia, tentando descobrir se iam conseguir embarcar. Em junho, a empresa foi a leilão.

Marcelo Bottini, presidente da Varig, tentava tranqüilizar os investidores com relação à não-sucessão de dívidas trabalhistas e fiscais, avisando que os *slots* e *hotrans* (concessão de vôos e seus horários) seriam transferidos para o novo dono:

> Na semana passada, a Justiça adotou medida para garantir a viabilidade do leilão ao decidir que comprador levará os "*hotrans*" (permissão para voar determinada rota) como parte dos ativos da companhia. ("Anac suspende distribuição de espaços". *FSP,* 18 mai. 2006, B5)

> A não-sucessão e a transferência dos *slots*[10] são premissas básicas e as garantias estão no *data room* (sala com informações financeiras sobre os ativos que irão a leilão). *(*"Entrevista". *OESP,* 05 jun. 2006, B10*).*

[9] *Check-in:* ato de registrar-se na chegada a um hotel ou aeroporto.

[10] *Slots:* espaços e horários para pouso e decolagem.

Cotada como a principal interessada na compra da Varig, a OceanAir chegou a se pré-qualificar para a apresentação de propostas, mas não entregou nenhuma.

> Após o leilão, o presidente da empresa, Carlos Ebner, alegava que o tempo de consulta aos dados da Varig fora insuficiente. "Faltou tempo para que a gente pudesse fazer uma análise melhor da situação. O tempo do *data room*[11] foi muito curto, o que dificultou bastante para fazer uma engenharia financeira e convencer os investidores". (*"*OceanAir critica tempo para análise". *OESP,* 09 jun. 2006, B4).

No leilão, a empresa recebeu uma única proposta de compra, apresentada pela associação Trabalhadores do Grupo Varig (TGV):

> Como o primeiro leilão foi em sistema de pregão, com envelope fechado, e ficou claro que uma proposta era dos trabalhadores, talvez os outros *"players"*[12] não tenham se interessado. Mas vão voltar a se interessar. (*"*Agência de aviação admite ação política". *FSP,* 27 jun.2006, B1)

Quinze dias após o leilão, a Justiça do Rio anulou essa única oferta, uma vez que o grupo não conseguiu depositar o sinal de US$75 milhões

[11] *Data room*: local que serve para a apresentação de informações sobre uma instituição ou empresa.

[12] *Players*: participantes.

que validaria a proposta. A ex-subsidiária de logística e transporte de cargas VarigLog passou então a ser uma forte candidata à compra da ex-controladora e apresentou na última semana de junho de 2006, uma oferta de compra no valor total de US$ 500 milhões.

> *A Justiça do Rio deveria ter tomado uma decisão sobre a negociação com a VarigLog ontem (26-06-06), mas, a pedido da Varig, ampliou o prazo para amanhã (28-06-06), já que hoje (27-06-06) não haverá expediente no Tribunal de Justiça (TJ) do Rio por causa do jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo* (o grifo é nosso). ("VarigLog garante sobrevida à Varig". *OESP,* 27 jun. 2006, B1).

Levando em consideração que estávamos em um ano eleitoral, a imprensa afirmava, que, durante a campanha eleitoral, Lula teria que isolar sua imagem daquela que afetava negativamente o seu governo e o seu partido no campo da ética e, provavelmente, tentaria fazer isso mostrando resultados na área econômica. Seu governo não conseguiu acelerar o crescimento do PIB, nem reduzir visivelmente a pobreza, mas, ajudado pelas excepcionais condições externas, conseguiu elevar as exportações, acumular reservas, pré-pagar a dívida com o FMI, reduzir significativamente a dívida externa em relação às exportações e controlar a inflação sem enfrentar nenhuma recessão.

Outro destaque nesse período é a informação de que o banco de investimentos Goldman Sachs mantém a sua previsão de que o Brasil será

a quinta maior economia do mundo em 2050 e que é parte integrante dos chamados BRICS, os grandes países emergentes que estarão entre as primeiras potências globais em meados deste século. Pela projeção, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro chegará a um nível entre US$ 5 trilhões e US$ 10 trilhões, praticamente alcançando o do Japão.

A sigla "BRIC" é composta pelas iniciais do Brasil, Rússia, Índia e China, e foi criada em outubro de 2003, em um relatório do Goldman Sachs. Segundo a projeção do banco de investimentos, em 2050 as maiores economias do mundo serão, em ordem decrescente, China, Estados Unidos, Índia, Japão e Brasil, Rússia, Alemanha, Reino Unido, França e Itália. Contudo, em 2006 surgiu uma forte dose de ceticismo em relação ao fato de que o Brasil esteja incluído nos BRICS, já que a sua taxa de crescimento tem sido muito inferior à dos três outros integrantes do grupo:

> A avaliação do economista do BES Investimento é semelhante: "Não adianta o Brasil ter surtos de alto crescimento que não conseguirão se sustentar." ("Brasil tem menor crescimento entre os Brics". *FSP,* 01 jun.2006, B4)

Movimento em Defesa da Língua Portuguesa
– PL 1676/99

2.2 - Movimento em Defesa da Língua Portuguesa – PL 1676/99

PL1676/1999: está é a referência oficial da peça legislativa proposta na Câmara dos Deputados do Congresso Nacional do Brasil pelo deputado federal Aldo Rebelo, representante do estado de São Paulo pela legenda do Partido Comunista do Brasil (PCdoB/SP). Tendo iniciado a sua tramitação em setembro de 1999, o PL 1676/1999 foi aprovado na casa de origem no Congresso, a Câmara dos Deputados, em 28 de março de 2001, com algumas pequenas modificações no texto original. Chegou à Câmara Alta do Congresso brasileiro, o Senado Federal, em junho do mesmo ano, sob nova referência, como Projeto de Lei da Câmara (PC) 50/2001, onde foi aprovado em agosto de 2003, após ser acatado na Comissão de Educação, Cultura e Desporto e na Comissão de Constituição e Justiça, ambas as Comissões constitutivas da Câmara Federal. Após essa data, o projeto de lei foi encaminhado novamente à Câmara Federal para votação e subseqüente promulgação por parte do Presidente da República; entretanto, lá permanece desde então.

O Projeto de Lei n.º 1676/99, anexo I, foi um dos assuntos relacionados à língua que teve grande espaço na mídia brasileira, tornando-se objeto de polêmica entre o seu autor e alguns lingüistas, entre eles Fiorin (2004).

Um trabalho apresentado à Universidade de São Paulo (USP) pela pesquisadora Beatriz Protti Christiano (on-line)[13] demonstrou que essa preocupação não é exatamente uma inovação do Deputado Federal. Assim como os políticos e lingüistas de hoje constatam a grande freqüência de termos em língua inglesa, já em 1920 os intelectuais manifestavam seu ódio pelo uso de vocábulos não oriundos do Português. Na época, o alvo já era o uso que a burguesia fazia do francês. Diz Christiano:

> Avaliei todas as referências de contatos entre línguas e relações entre língua e raça e cheguei à conclusão de que os estudiosos da época queriam bloquear a influência francesa na língua portuguesa e, além disso, constatei que eles praticamente ignoravam a contribuição indígena e africana para o idioma...

Ainda segundo a estudiosa, o combate ao estrangeirismo era feito de maneira incoerente, não levando em consideração a construção e a história da língua portuguesa. Ela argumenta que:

> ...é complicado tentar mudar a língua por decreto. Se o falante e a sociedade que aquela língua representa forem valorizados, a língua também será valorizada.

[13] http://www.usp.br/agen/bols/2002/rede999.htm/

Voltando ao projeto do deputado Aldo Rebelo , seu objetivo é defender, proteger e promover a língua portuguesa no Brasil. Para tanto, sugere que o uso do português se torne obrigatório em determinadas situações do cotidiano, sendo que qualquer "uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei". (Projeto de Lei 1676/99, art. 4º)

O deputado, ao justificar o projeto de lei, argumenta que estamos assistindo a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos. O projeto também faz referência à lei francesa de 1975 sobre os anglicismos, a qual, como toda legislação desse tipo, não teve nem de longe o efeito esperado, sendo, aliás, alvo de escárnio por parte dos franceses, que, cada dia mais, acrescentam à sua fala termos oriundos do inglês.

Em seu artigo 3.º, o projeto de lei define os segmentos sociais que serão alvo da possível lei:

> (1) todos os brasileiros;
>
> (2) todos os estrangeiros que se encontram em nosso país há mais de um ano.

Define também as situações em que a língua portuguesa deve ser usada:

> Art. 3.º - É obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados, e pelos estrangeiros residentes no País há mais de 1 (um) ano, nos seguintes domínios socioculturais:

> I – no ensino e na aprendizagem;
>
> II – no trabalho;
>
> III – nas relações jurídicas;
>
> IV – na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica oficial;
>
> V – na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica em eventos públicos nacionais;
>
> VI – nos meios de comunicação de massa;
>
> VII – na produção e no consumo de bens, produtos e serviços;
>
> VIII – na publicidade de bens, produtos e serviços.

Nota-se, principalmente nos incisos VI, VII e VIII, que o campo de ação do projeto de lei é o léxico da língua, já que pretende coibir o uso de certas palavras estrangeiras nos meios de comunicação, nos anúncios e publicidade comerciais. Sua intenção é que a lei se tornasse uma barreira contra a descaracterização do português brasileiro.

Acerca dessa focalização do léxico, Fiorin (in FARACO, 2004, p. 116-117), diz que o que caracteriza uma língua é a sua gramática e o seu fundo léxico comum:

> O léxico possui um fundo comum, que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto a gramática, porque as noções que ele expressa, de um lado, não são afetadas por mudanças econômicas e sociais, e, de outro, porque são de uso geral e coloquial. Esse fundo comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua.

Ainda segundo o autor:

> ...pertencem ao fundo léxico comum os nomes de partes do corpo e dos laços de parentesco, termos relativos à casa (mobiliário etc), nomes de animais domésticos e selvagens, nome de ocupações antigas, relacionadas à agricultura, ao pastoreio, ao artesanato etc., nomes de plantas, termos designativos de fenômenos da natureza, nomes dos astros, dias, meses e estações do ano, termos religiosos que expressam convicções muito antigas, palavras que expressam virtudes e vícios etc. Todos esses são, em geral, termos herdados do latim ... Nenhuma das palavras mencionadas por ele (Aldo Rebelo) em seu projeto está fazendo desaparecer termos do fundo léxico comum.

Garcez e Zilles (in FARACO, 2004, p.22-23) consideram o seguinte:

> O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos econômicos e sociais por ela mediados.

De fato, em nossa época, os estrangeirismos existentes na língua portuguesa do Brasil advêm principalmente da língua inglesa, devido à forte presença norte-americana em nossas vidas. E, como diz Fiorin, esses anglicismos não fazem parte de nosso fundo lexical comum, pois são empréstimos lingüísticos conseqüentes de determinada situação sócio-

econômica vivida pelo Brasil em determinada situação histórica. Foi o que ocorreu no séc. XIX, quando a França era o centro cultural do mundo ocidental e a língua portuguesa viu-se invadida por expressões francesas, como *dominó*, *paletó*, *champagne*, *bouquet*, *chance*, *comitê*, *troupe* etc. Algumas dessas palavras, ainda hoje, sobrevivem na língua portuguesa do Brasil, tendo sido absorvidas pelo nosso léxico.

Como vemos, o léxico não é formado apenas por esse fundo comum, que é fixo, por construções vernaculares (derivação, sufixação, parassíntese, composição e prefixação), mas também por empréstimos de outras línguas, que variam de acordo com o momento social vivido pela nação. Segundo Fiorin, o léxico de uma língua é, assim, "um conglomerado de formas provindas de fontes diversas". (in FARACO, 2004, p.117)

Possenti, outro estudioso da língua portuguesa do Brasil, pondo em xeque o Projeto de Rebelo, afirma que a única maneira de proteger a nossa língua é:

> tornar nossa economia poderosa e nossa cultura tão charmosa que nenhuma outra nos tente. (in FARACO, 2004, p.168)

Diante dos fatos apresentados acima, podemos considerar que pelo menos um dos argumentos usados pelo deputado Aldo Rebelo para justificar o Projeto de Lei 1676/99 não tem fundamentação científica. Diz ele em seu texto:

> De fato, estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos... (Justificação, PL1676/99)

Ao afirmar que "estamos a assistir a uma descaracterização da língua portuguesa falada no Brasil", o deputado se esquece de que os estrangeirismos fazem parte da dinâmica da língua e refletem a situação de um determinado momento histórico do povo que a usa.

Assim, torna-se muito difícil evitar o anglicismo, já que a situação político-econômica mundial propicia que a língua inglesa tenha um maior prestígio em relação às outras línguas. Além disso, o estrangeirismo é um dos meios de renovação lexical e, em conseqüência, pode ser considerado, lingüisticamente, um recurso pertencente ao fenômeno de mudança e transformação de uma língua.

O artigo, "*O bom senso está on sale",* de João Gabriel de Lima, publicado na revista *Veja* em 30 de agosto de 2000, é uma crítica ao projeto do deputado Aldo Rebelo e faz algumas observações muito importantes acerca da questão dos estrangeirismos. Diz ele que algo parecido com a tentativa do deputado já havia sido feito por Antônio de Castro Lopes, um latinista carioca do final do século XIX., que propunha substituir futebol por "ludopédio" e abajur por "lucivelo". Para nós, falantes modernos da língua portuguesa do Brasil, a simples possibilidade dessas duas trocas soa extremamente esquisita. De acordo com Lima, se o projeto de Aldo Rebelo fosse aprovado e implantado nos dias de hoje,

teríamos trocas do tipo "computador" por "ordenador", "*rap*" por "canto metralhado" e "*trekking"* por "caminhada no mato", todas traduções literais destas palavras inglesas para o português.

É importante ressaltar que os estudos feitos a favor desse projeto de lei já estariam totalmente descartados por não seguirem o que manda a lei maior que rege a vida da população do Brasil, a Constituição Brasileira, que afirma, no seu artigo 5º, que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

> IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;
> VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias;
> IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;
> XLI – a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;
> LIV – ninguém será privado da liberdade ou de bens sem o devido processo legal;
> LXXI – conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício

> dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania;

Outro fator passível de questionamento refere-se ao modo como seriam feitas essas proibições (de usar expressões e palavras de origem estrangeiras): quantos fiscais seriam necessários para fiscalizar esse uso? Como fiscaliza-lo? Seria preciso, no mínimo, um fiscal para cada brasileiro, vinte e quatro horas por dia, para que houvesse um certo "controle" sobre o uso da língua pelas pessoas. Que multa seria aplicada? E será que todos esses fiscais saberiam diferenciar o que são ou não são estrangeirismos? Sem falar, é claro, dos fiscais necessários para fiscalizar os próprios fiscais; quem iria garantir que eles também não fossem cometer tais "deslizes" perante a lei? (ZILLES, in FARACO, 2004, p.146).

Quanto à avaliação do projeto feita por Fiorin, (in FARACO, 2004, p.125), partilhamos da sua lógica argumentativa, das conclusões a que chega e da sua afirmação de que:

> Precisamos de ações concretas para a promoção do idioma, para a melhoria do ensino do português, para a difusão do português no mundo e isso o projeto fica a dever.

Concordamos também com as considerações de Bagno (in FARACO, 2004, p.83):

Quem precisa ser defendido é o falante do português brasileiro (e não sua língua), que vive no país com a maior injustiça social de todo o planeta, com a maior concentração de propriedade fundiária de todo o mundo. É a criança e o jovem que não são acolhidos por um sistema educacional classificado entre os piores do mundo, junto com o sistema público de saúde. É o professor de todos os graus de ensino, humilhado continuamente com salários obscenos e condições de trabalho próximas à escravidão. É o cientista sério que tem que mendigar verbas para levar adiante suas pesquisas (enquanto a corrupção na mais alta esfera federal derrama milhões de dólares a rodo para quem estiver pronto a se vender). Mas a língua ...vamos deixar ela em paz, *ok?*

Capítulo 3: A linguagem jornalística e os estrangeirismos

3 - A linguagem jornalística e os estrangeirismos

Novos sistemas de difusão de informação surgiram como conseqüência da grande revolução tecnológica iniciada na segunda metade do século XX. Assim, uma década e meia após esse desencadeamento, a revolução já revelava que podia haver inúmeras formas de transmissão de uma notícia, de modo tão eficiente, atrativo e rentável quanto a impressa em folha de papel. Isso determinou a grande preocupação que o jornais passaram a ter com as notícias a publicar (e com o modo de publicá-las). Não que essa preocupação não existisse em fases anteriores, mas, com o fortalecimento da TV como meio de comunicação e com o surgimento de sistemas que distribuem notícias para computadores em velocidade superior à alcançada pelo rádio e TV, os jornais se viram obrigados a buscar meios para competir no mercado de informações. Vão nesse sentido as considerações feitas por Aluízio Maranhão, Diretor de Redação do Jornal *O Estado de S.Paulo:*

> Um jornal como o Estado passou por desafios que o fizeram, em 122 anos de existência, um veículo de linguagem moderna, de paginação arejada, com novas seções e cadernos. Mas os desafios não se esgotam. Eles se sucedem e não permitem que nenhuma publicação possa se considerar uma obra acabada. Tudo, como a linguagem, está em constante evolução. (in MARTINS, 2007, p.6-7)

Os jornais também se viram obrigados a ser mais seletivos, escolhendo para publicar apenas as reportagens mais significativas. Nos jornais de papel farto e barato de outras décadas, era possível a prática do jornalismo quantitativo. No entanto, em face das crises de papel dos anos 80, os jornais tornaram-se mais compactos. O enfoque também sofre mudanças: deixam-se as interpretações para a TV ou o rádio e privilegiam-se apenas as circunstâncias dos fatos, procurando transmitir o aspecto global da notícia.

Ademais, o fato de se ter cada vez menos tempo para a leitura levou os jornais a várias reformas, baseadas no farto uso de ilustrações e no encurtamento dos textos. Ainda segundo Maranhão, o jornalismo está ficando mais objetivo, os textos mais diretos e, por isso, se torna fundamental o bom manejo da língua.

Com relação ao futuro do formato papel e do jornalismo diário, segundo o projeto editorial do jornal *Folha de S.Paulo* (2006, p.15):

> ...a utilidade dos jornais crescerá se eles conseguirem não apenas organizar a informação inespecífica, aquela que potencialmente interessa a toda pessoa alfabetizada, como também torná-la mais compreensível em seus nexos e articulações, exatamente para garantir seu trânsito em meio à heterogeneidade de um público fragmentário e dispersivo.

Na sua última versão, divulgada em 17 de agosto de 1997, os jornalistas da *Folha de S.Paulo* são alertados para o fato de, nos dez anos

anteriores, ter acontecido uma série de mudanças no campo da política, na economia e nas idéias.

> A dualidade política foi substituída por um consenso. Uma só superpotência impõe seu predomínio ao mundo, quase todas as sociedades procuraram se aproximar de seu modelo. Com pouca variação de grau, há uma só receita econômica (o mercado), uma só fórmula institucional (a democracia), num mundo que tende inevitavelmente à "globalização." (2006, p.10)

Aplicação das normas editoriais e estilo contidas no Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de S.Paulo no período de Maio a Julho de 2006

3.1 - Aplicação das normas editoriais e estilo contidas no Manual de redação do jornal *O Estado de S.Paulo* no período de maio a julho de 2006

Transcrevemos algumas normas editoriais e de estilo estabelecidas pelo *Manual de Redação* do jornal *O Estado de S.Paulo*, com a finalidade de verificar a compatibilidade entre essas normas e o emprego dos estrangeirismos encontrados no *corpus* do suplemento *Economia.*

Em relação ao uso de palavras estrangeiras, o Manual de Redação e Estilo do jornal *O Estado de S.Paulo* estabelece:

> Sempre que houver equivalente em português, prefira-o ao estrangeirismo: cardápio e não *menu;* pré-estréia e não *avant-premiere*; adeus e não *ciao*; escanteio e não *corner;* pesquisa e não *enquête;* cavalheiro e não *gentleman*; freqüentador e não *habitué;* senhora e não *lady* ou madame; encontro e não *meeting;* senhor e não *mister*; impedimento e não *off-side*; primeiro-ministro e não *premier*; assalto e não *round*; padrão e não *standard*; fim de semana e não *weekend*; desempenho e não *performance*. (MARTINS, 2007, p.209-210)

Observamos, porém, casos em que, mesmo existindo um equivalente, o jornal opta pela forma estrangeira:

CRASH

"...as forças econômicas e os mercados financeiros colidem de maneira a produzir um ano turbulento – o *crash*[14] das bolsas americanas em 1987, a crise financeira asiática em 1998, o estouro da bolha de tecnologia em 2000." ("Regional". *OESP*, 20 mai. 2006, B14)

EXPERT

"Ser enxuto significa eliminar desperdícios e tornar-se eficiente, dizem os *experts*[15] em administração." ("Quantos níveis hierárquicos tornam um empresa enxuta?". *OESP*, 21 jun. 2006, B10)

KNOW-HOW

"Em comunciado à CVM, a siderúrgica disse acreditar que a aliança trará grandes benefícios, como integração de *know-how*[16] de produção global e instalações e acesso a insumos fundamentais." ("Avançam negociações da CSN nos EUA". *OESP*, 21 jul. 2006, B14)

PERFORMANCE

" Contudo, alertam que não há sinais de que o desempenho industrial esteja mantendo a mesma *performance*[17] no segundo trimestre." ("Na frente". *OESP*, 01 jun. 2006, B2)

.

[14] *Crash:* quebra ou grande abalo na economia.

[15] *Expert:* especialista, perito.

[16] *Know-how:* conhecimento, experiência.

[17] *Performance:* desempenho.

Quanto às palavras sem equivalente em português, a norma do manual é a seguinte:

> Se a palavra ou expressão não tiver correspondente em português, porém, ou se este for pouco usado, recorra então ao termo estrangeiro, que vai no mesmo corpo do texto e não em destaque: *stand by*, *hardware*, *smoking*, *marketing, joint venture, outdoor*. (MARTINS, 2007, p.209)

Os termos a seguir, encontrados no *corpus* desse trabalho, ainda não apresentam equivalentes em língua portuguesa do Brasil, ou a expressão é pouco utilizada, por isso recorreu-se aos estrangeirismos, que foram incorporados ao texto jornalístico, em sua gráfica original, sem aspas, negrito ou itálico:

COMMODITY

> "Cada dólar de aumento da *commodity*[18] vai representar um repasse de aproximadamente 10% para a indústria, 7% para o Gás Natural Veicular (GNV) e 2% para o residencial*)*." ("Se houver aumento, SP terá repasses diferenciados". *OESP,* 04 mai. 2006, B10)

[18] *Commodity:* algo que pode ser comprado ou vendido, esp. artigo/produto de alimentação ou combustível

HOLDING

"A Campos, *holding*[19] chilena da E&F Man, disse que pretende vender em bolsa até 10% da Iansa, maior fabricante de açúcar do Chile, da qual detém 45,1%. " ("Regional". *OESP*, 05 jun. 2006, B9)

JOINT VENTURE

"...quando o trimestre foi afetado por despesas de reestruturação da *joint venture*[20] Sony BMG." ("Internacional" *OESP*, 04 mai. 2006, B15)

OVERNIGHT

"Nas economias nacionais, definidas pela jurisdição dos bancos centrais sobre a atividade bancária, essa regulação é feita, no dia-a-dia, pela administração do mercado de reservas bancárias, e o principal instrumento de ação direta dos bancos centrais sobre as economias é o custo *overnight*[21] dessas reservas." ("Saber quando parar e o que falar". *OESP*, 21 jul. 2006, B2)

RANKING

"A aquisição anunciada ontem, no entanto, não altera o *ranking*[22] dos maiores bancos do País." ("Fim do suspense. Itaú fica com o BankBoston". *OESP*, 03 mai. 2006, B9)

---

[19] *Holding:* empresa criada para comprar e deter ações de outras empresas, denominadas subsidiárias, centralizando o controle sobre elas.

[20] *Joint venture:* associação de sociedades, sem caráter definitivo, para a realização de determinado empreendimento comercial, dividindo as suas obrigações, lucros e responsabilidades.

[21] *Overnight:* aplicações feitas no mercado aberto em um dia para resgate no dia seguinte ou no primeiro dia útil, quando coincide com fins de semana ou feriados.

[22] *Ranking:* classificação ordenada de acordo com critérios determinados.

RECALL

> "... o consumo de bebidas com ferro não causa dano à saúde, mas o *recall*[23] seria uma medida preventiva." ("Negócios". *OESP,* 03 mai. 2006, B16)

ROYALTIES

> "A Bolívia recebeu em 2005 um valor recorde em *royalties*[24] e participações de petrolíferas." ("Regional". *OESP*, 26 mai. 2006, B12)

Ressaltamos também a seguinte norma do manual, que aborda o uso dos estrangeirismos, mas que não deixa claro os critérios adotados para se considerar os estrangeirismos como mais ou menos conhecidos:

> Palavras estrangeiras: A palavra estrangeira, na sua forma original, só deverá ser usada quando for absolutamente indispensável. O excesso de termos de outra língua torna o texto pretensioso e pedante. E não se esqueça de explicar sempre, entre parênteses, o significado dos estrangeirismos menos conhecidos." (MARTINS, 2007, p.209)

---

[23] *Recall:* convocação feita por um fabricante para que o comprador de um produto com defeito se apresente para, sem ônus, trocá-lo ou ter substituída alguma peça dele.

[24] *Royalties:* compensação ou parte do lucro paga ao detentor de um direito qualquer.

Apresentamos, a seguir, alguns exemplos de termos cuja explicação/ tradução foi apresentada pelo jornal:

JUST-IN-TIME

> "Na verdade, o "j*ust-in-time",* a resposta flexível e rápida a clientes, bem como o acesso fácil a fornecedores, são fatores competitivos..." ("Internet física e aduanas". *OESP*, 15 jul. 2006, B2)

MARKET SHARE

> "Ela diz que "o importante é a conquista da rentabilidade, mas do que o *market share* (a fatia que se possa ter do mercado). ("Negócios". *OESP*, 03 mai. 2006, B16)

MIDDLE MARKET

> "Também no setor de *middle market* (empresas que faturam entre US$ 5 milhões e US$ 100 milhões), o Itaú vai ganhar." ("Sonia Racy" *OESP*, 04 mai. 2006, B2)

SHORT SELLERS

> "Ele insistia que o colapso da Enron deveu-se a uma "conspiração" desencadeada por *"short sellers"* (pessoas que vendem ações a termo), um grupo de velhacos cujas atividades ele desconhecia, e pela mídia." ("Memória". *OESP,* 06 jul. 2006, B15)

SLOTS

> "Lucia Helena enxerga o mesmo risco na primeira portaria da Anac, que prevê redistribuição de *slots* (intervalos para

> pouso e decolagem) em grandes aeroportos, como Congonhas, em fase de consulta pública." ("Crise no ar: A agonia da Varig". *OESP*, 13 jun. 2006, B3)

TAKE OR PAY

> "Há um contrato firmado com o Brasil até o ano 2019, com uma cláusula "*take or pay"* (que determina que a Petrobrás pague pelo gás mesmo que não o consuma). Ou seja, nossas vendas estão garantidas até 2019." ("Ministro boliviano ironiza busca da auto-suficiência pelo Brasil". *OESP*, 30 mai. 2006, B7)

Mas também observamos que algumas palavras NÃO são traduzidas e/ou explicadas pelo jornal, contrariando o que diz o manual:

BOOM

> "Afinal, o crescimento dos últimos três anos foi puxado principalmente pelo "*boom*"[25] habitacional e pela expansão dos gastos do consumidor." ("Desaceleração ameaça os EUA". *OESP*, 20 mai. 2006, B14)

DUMPING

> "Fabricantes de pneus instalados no País acusam a China de praticar *dumping*[26] na exportação de pneus novos ao Brasil." ("Indústria de pneus acusa China de *dumping*". *OESP*, 26 jul. 2006, B7)

---

[25] *Boom*: desenvolvimento acelerado.

[26] *Dumping*: Prática comercial que consiste em vender produtos a preços inferiores aos custos, com a finalidade de eliminar concorrentes e/ou ganhar maiores fatias do mercado.

FLAT TAX

"De outro lado, o novo Imposto de Renda seria um *flat tax*[27] abrangente e incidiria sobre todos os rendimentos, sem faixa de isenção ou qualquer dedução, com a alíquota uniforme de 17%." ("Mais uma proposta de reforma tributária". *OESP*, 05 mai. 2006, B2)

GAP

"...não há nenhuma garantia de que o volume a ser desviado do consumo veicular para outros segmentos supriria o *gap*[28] de oferta, no caso de uma crise de energia." ("Diversidade energética brasileira". *OESP*, 24 mai. 2006, B2)

HEDGE

"Finalmente, o suporte público na busca do "*hedge*"[29] energético pode ser feito com métodos que minimizem a escolha discricionária dos burocratas e maximizem a exploração de rotas por agentes privados..." ("Menos dívida, menos juro". *OESP*, 17 jun. 2006, B2)

INVESTMENT GRADE

"...mas a evidência de que as avaliações são compatíveis está em que Chile e México já são classificados como *investment grade*"[30] . ("Hedge energético". *OESP*, 16 jul. 2006, B3)

---

[27] *Flat tax*: imposto com alíquota uniforme.

[28] *Gap*: lacuna, fosso ou diferencial.

[29] *Hedge*: comprar ou vender mercadorias ou contratos de câmbios futuros, com a finalidade de eliminar ou restringir o risco envolvido em flutuações de preços.

[30] *Investment grade*: categoria dada a países que têm poucos riscos de darem calote em sua dívida.

PLAYER

"O Citi é um *player* "[31] natural para dar continuidade a uma fatia disso em função de ser um banco globalizado e estar presente em todos os mercados." ("Direto da fonte". *OESP*, 02 jul. 2006, B2)

SOFT POWER

"O Brasil não tem os recursos, poder militar, "*soft power*"[32] e presença moral que lhe permitiriam ser uma real potencia regional." ("Faltou ação diplomática preventiva do Brasil". *OESP*, 08 mai. 2006, B5)

SPREAD

"...o Funtec é complementar, de certa forma, às duas novas linhas de financiamento preferencial (com juros de 6% ao ano e de TJLP mais *spread*"[33] de até 1,8% e prazos longos) lançadas em fevereiro, voltadas a projetos inovadores." ("Política Industrial". *OESP,* 21 jun. 2006, B6)

STOP LOSS

"...pela decisão de investidores estrangeiros de deixarem suas posições, que acabaram detonando ordens de "stop loss"[34] por parte de instituições locais." ("Mercado Financeiro". *OESP*, 23 mai. 2006, B12)

---

[31] *Player*: participante do mercado

[32] *Soft power:* poder, força de influência de um país que não provém do poderio militar.

[33] *Spread*: taxa de riscos nos empréstimos internacionais.

[34] *Stop loss*: ordem para que as perdas cessem.

TARGET

> "O investidor compra um título com vencimento daqui a 50 anos, mas o que ele quer é realizar o seu *target*[35] de ganho em poucos dias ou semanas e revender o papel a quem tenha outro *target."* ("Danos do esquecimento". *OESP*, 29 mai. 2006, B2)

Mas, em alguns momentos, mesmo utilizando um equivalente em língua portuguesa do Brasil, o jornal coloca a forma estrangeira entre parênteses:

DATA ROOM

> "Além de tentar tornar disponíveis mais cedo os dados sobre a empresa (*data room)* avalia também a possibilidade de a venda ocorrer já em junho." ("Varig perde aeronave e tenta adiantar leilão". *OESP*, 26 mai. 2006, B16)

CODE-SHARE

> "O sonho da Efromich era fazer um acordo de compartilhamento de vôos (*code-share)* com a Varig, e, quando a falência fosse decretada..." ("OceanAir ainda mantém interesse". *OESP*, 10 jun. 2006, B4)

[35] *Target*: meta, alvo, objetivo.

INVESTMENT GRADE

"...é muito provável, na avaliação do ministro, que o Brasil obtenha nas agências que medem o risco de cada país o grau de investimento ("*investment grade").*" ("Parceria vai a licitação, mas obra deve ficar para o novo governo". *OESP*, 30 jul. 2006, B9)

LEASING

"A informação é de uma fonte que acompanha as negociações da companhia com empresas internacionais de arrendamento de aviões (*leasing)*." ("Varig vai enfrentar mais 5 ações nos EUA". *OESP*, 24 mai. 2006, B15)

LOWCOST, LOW FARE

"Nos Estados Unidos, a Southwest, primeira companhia aérea do mundo a adotar o conceito de custos e tarifas baixas (*low cost, low fare em inglês),* é comandada por uma mulher, Collen Barret." ("Maria Silvia, ex-CSN, pode dirigir nova Varig". *OESP*, 22 jul. 2006, B3)

SLOTS

> "Hoje, em rotas nacionais ela já perdeu muito espaço para TAM e a Gol, mas ainda tem um espólio considerado muito atraente, como os espaços e horários nos aeroportos para pousos e decolagens (*slots)*." ("Crise no ar: A agonia da Varig". *OESP*, 22 jun. 2006, B14)

Aplicação das normas editoriais e estilo contidas no Manual da Redação do jornal Folha de S. Paulo no período de Maio a Julho de 2006

3.2 - Aplicação das normais editoriais e de estilo contidas no *Manual da Redação* do jornal *Folha de S.Paulo* no período de maio a julho de 2006

Com relação aos estrangeirismos, o *Manual de Redação* do jornal *Folha de S.Paulo* aconselha o seu uso apenas quando for indispensável, quando não houver outro termo no português ou quando o termo correspondente for pouco usado; mesmo nesses casos, deve-se preferir o termo já aportuguesado e não a grafia estrangeira. Deve-se, diz ainda o *Manua*l, dar preferência, nos demais casos, ao equivalente em português e evitar o uso excessivo dos termos estrangeiros e das citações em outras línguas, que tornam o texto pretensioso e pedante.

No entanto, encontramos, no corpus do nosso trabalho, o uso de palavras estrangeiras mesmo quando já existem correspondentes em português:

CASH

> "Isso não é moeda podre, é *"cash"*[36] *."* ("Juiz adia decisão sobre falência da Varig". *FSP*, 10 jun. 2006, B1)

[36] *Cash:* dinheiro em espécie, dinheiro vivo.

KNOW-HOW

"Segundo Pires, a empresa tem problemas financeiros e de gestão, mas, se for comprada pode sobreviver pelo *know-how* (conhecimento, experiência) que tem do mercado." ("Ministro elogia decisão da justiça de anular votos da GE". *FSP,* 19 jul. 2006, B4)

MIX

"De acordo com a associação, os supermercados investiram em promoções, incentivaram as vendas a crédito e adequaram e ampliaram o *mix*[37] de produtos e serviços." ("Supermercados recuperam perdas nas_vendas de abril". *FSP,* 25 mai. 2006, B6)

OUTSOURCING

"As duas empresas firmaram um contrato de *outsourcing*[38] de TI de US$ 200 milhões." ("Contrato de TI". *FSP*, 19 jun. 2006, B2)

TIMING

"...novas elevações da taxa básica poderiam ser necessárias para prevenir os riscos da inflação, mas

[37] *Mix:* mistura, combinação.

[38] *Outsourcing:* terceirização.

> enfatizava que a intensidade e o "*timing*"[39] dessas medidas dependeriam de forma importante das perspectivas tanto da inflação como do crescimento econômico..." ("Dentistas e sacerdotes". *FSP*, 02 jul. 2006, B4,)

Encontramos as seguintes palavras estrangeiras, incorporadas ao texto jornalístico, em sua grafia original, grafadas sem aspas, negrito ou itálico:

CHECK-IN

> "O empresário contou que estava desde às 4h da manhã à espera do *check-in*[40]*."* ("Argentino assiste_a jogo". *FSP*, 23 jun. 2006, B5)

COMMODITIES

> "Vaivém das *commodities*[41]*."* ("Mercados". *FSP,* 10 jun. 2006, B10,)

---

[39] *Timing:* momento, hora, determinado ponto num período de tempo em que algo acontece ou se faz; momento certo, à hora certa, ao melhor momento, à melhor hora.

[40] *Check-in:* ato de registrar-se na chegada a um hotel ou aeroporto.

[41] *Commodities:* algo que pode ser comprado ou vendido, esp. artigo/produto de alimentação ou combustível

DUMPING

"Em 2005, pelo segundo ano consecutivo houve uma queda no número de aplicações de medida de proteção contra o *dumping*[42]*".* ("China é campeã de acusações de *dumping". FSP*, 09 mai. 2006, B6)

HEDGE

"Como a matriz exige que seja feito *hedge*[43] do patrimônio, o banco teve prejuízo no Brasil, em 2004, de R$308 milhões." ("Citi vai acelerar expansão no Brasil". *FSP*, 11 mai. 2006, B6)

LEASING

"A proposta contou com a aprovação das três classes de credores, que incluem funcionários, empresas de *leasing*[44] e empresas estatais." ("Varig aprova cisão com apoio do BNDES". *FSP*, 10 mai. 2006, B1)

RANKING

"O *ranking*[45] de rusgas recentes com vizinhos é liderado pelo próprio anfitrião, o presidente Nestor Kirchner." ("Agenda econômica ocupa segundo plano em cúpula do Mercosul". *FSP*, 16 jul. 2006, B2)

---

[42] *Dumping*: prática comercial que consiste em vender produtos a preços inferiores aos custos, com a finalidade de eliminar concorrentes e/ou ganhar maiores fatias do mercado.

[43] *Hedge*: comprar ou vender mercadorias ou contratos de câmbios futuros, com a finalidade de eliminar ou restringir o risco envolvido em flutuações de preços**.**

[44] *Leasing:* modalidade de contrato de arrendamento que associa aluguel e venda à prestação, por meio de uma técnica especial de financiamento.

[45] *Ranking:* classificação ordenada de acordo com critérios determinados.

RECALL

"Os números do *recall*[46] são surpreendentes." ("Volks anuncia *recall* de 123 mil veículos". *FSP*, 30 mai. 2006, B3)

ROYALTIES

"Os *royalties*[47] a serem pagos pelas empresas também aumentaram." ("Chávez anuncia criação de imposto de petróleo". *FSP*, 08 mai. 2006, B6)

TRADING

" A ação do MPF se baseou num período quando havia um esforço enorme do banco de recuperar créditos com a *trading*[48]". ("BB afirma estar empenhado na cobrança". *FSP,* 16 jul. 2006, B2)

UPGRADE

"Os americanos estão fazendo uma revisão do seu modelo, que é o mais antigo, e isso poderá dar-lhe um *upgrade*[49], superando até o modelo japonês." ("TV Digital: a busca é pelo melhor modelo no longo prazo". *FSP*, 07 mai. 2006, B2)

---

[46] *Recall:* convocação feita por um fabricante para que o comprador de um produto com defeito se apresente para, sem ônus, trocá-lo ou ter substituída alguma peça dele.

[47] *Royalties:* compensação ou parte do lucro paga ao detentor de um direito qualquer.

[48] *Trading*: firma especializada em comércio internacional.

[49] *Upgrade:* melhoria de posição, de qualidade.

Apresentamos, a seguir, alguns exemplos de termos cuja explicação/ tradução foi apresentada pelo jornal:

CARRY TRADE

> "Os temores de inflação, as taxas elevadas de juros reais e a preocupação quanto ao dólar vêm sendo reforçados pela gradual retirada de liquidez pelos BCs e pelo lento declínio final do chamado "*carry trade*" (tomada de empréstimos denominados em moedas com baixas taxas de juros)." ("Aperte o cinto para turbulência". *FSP*, 18 mai. 2006, B3)

CODE-SHARE

> "Nos vôos internacionais, a Anac espera que companhias estrangeiras transportem passageiros da Varig no sistema de "*code-share"* (compartilhamento de vôo)." ("Varig corta 50% das rotas internacionais e 30% das nacionais". (*FSP*, 22 jun. 2006, B3)

.

HOLDING

> "Logo depois, vieram as chamadas *holdings*, empresas cujo único negócio é administrar outras empresas e que mandaram US$ 1,015 bilhão para fora do país nesses 15 meses."("Bancos são líderes em remessas de lucros". *(FSP,* 14 mai. 2006, B1)

HOTRANS

> "Na semana passada, a Justiça adotou medida para garantir a viabilidade do leilão ao decidir que comprador levará os "*hotrans"* (permissão para voar determinada rota) como parte dos ativos da companhia*."* ("Anac suspende distribuição de espaços". *FSP,* 18 mai. 2006, B5)

LOW COST, LOW FARE

> "É um concorrente que tem um modelo diferente do nosso, a proposta da Gol é mais baseada no *"low cost, low fare"* (baixo custo, baixa tarifa), que leva a um custo inferior, pelo modelo e é o que nos faz acordar mais cedo." ("TAM tem interesse pela Varig, mas não quer riscos". *FSP*, 28 mai. 2006, B13)

Observamos que algumas palavras NÃO são traduzidas e/ou explicadas pelo jornal:

BLUE CHIPS

> "...e, mais importante, várias das "*blue chips*"[50]*,* ainda acumulam valorização nos últimos 12 meses em torno de 100%, o que tende a reduzir seu potencial de alta." ("Ações conseguem sustentar cotações". *FSP*, 29 mai. 2006, B4,)

[50] *Blue chips*: ações, na Bolsa de Valores, das mais rentáveis, seguras, estáveis e de maior liquidez.

CURRENCY BOARD

"Uma vez que não se iria "*currency board*"[51], por razões políticas e simbólicas, não tinha outra alternativa senão flutuar*."* ("A maturidade do carbonário". *FSP,* 16 jul. 2006, B4)

DAY AFTER

"Estão todos falando sobre a escolha do padrão e ninguém está se preocupando com o "*day after*"[52]. ("Telecomunicações 2". *FSP*, 06 jun. 2006, B9)

DRAWBACK

"Hoje em dia, não exportamos mais café porque não fazemos "*drawback*"[53]. ("Importar café para exportar traz novo estímulo ao setor". *FSP*, 06 jun. 2006, B12)

FAST TRACK

"...já que a autoridade do governo Bush de negociar acordos comerciais no chamado "fast track"[54] termina no ano que vem." ("Rascunhos para Doha mostram acordo longe". *FSP*, 24 jun. 2006, B10)

---

[51] *Currency board:* regime em que o governo dá garantia de trocar moeda nacional a uma taxa fixa por moeda estrangeira, ou conversibilidade com taxa fixa de câmbio.

[52] Day after: a retomada depois de um evento.

[53] *Drawback*: benefício fiscal concedido às importações realizadas com a finalidade de futuras exportações.

[54] *Fast track*: expressão que se refere a um mandato especial que o governo norte-americano busca obter do Congresso para negociar com outros países novos acordos de liberalização do comércio, especialmente a criação da ALCA (Área Livre de Comércio das Américas).

HEDGE FUND

"Além dos bons resultados da balança comercial, ajudaram a valorização do real ante o dólar, as pesadas apostas de "hedge fund"[55] internacionais na moeda brasileira e contra o dólar." ("Real perde distorção e busca agora novo patamar". *FSP,* 25 mai. 2006, B1)

HOME BROKER

"Também ajudaram a impulsionar o "*home broker*"[56] o cenário interno, ..." ("Aplicações pela internet atingem recorde". *FSP*, 08 mai. 2006, B3).

LOBBY

"Sabe que o segundo mandato é aquele no qual até grandes líderes caem do pedestal. Mas o "*lobby*"[57] pela manutenção da estrutura do artificialismo cambial está bem montado." ("Câmbio afundante". *FSP*, 24 mai. 2006, B3)

LOW PROFILE

"Vai tentar repetir o sucesso na linha "*low profile*"[58], sem grandes propagandas." ("Starbucks abre loja acessível em SP e com capital 51% nacional". *FSP*, 26 maio. 2006, B11)

---

[55] *Hedge fund:* fundo que não se limita a investir em ações, debêntures e títulos do governo. Ele opera em todos os mercados, normalmente através de instrumentos derivativos.

[56] *Home broker*: sistema de negociação de ações pela internet.

[57] *Lobby*: atividade de pressão de um grupo organizado sobre políticos e poderes públicos.

[58] *Low profile:* comportamento discreto assumido deliberadamente para não atrair a atenção.

MARKET SHARE

"...registrou em 2005 o melhor ano de sua história, com recordes de faturamento, entre lucro e "*market share*"[59]. ("Estratégica Líquida". *FSP,* 13 mai. 2006, B2)

STAKEHOLDERS

"Empresas que se envolvem em projetos sociais tendem a reduzir a rotatividade e aumentam o compromisso de empregados e "*stakeholders*"[60] com a corporação." ("Premiações ajudam a empurrar voluntários". *FSP,* 27 jun. 2006, B9)

STOP AND GO

"É por isso que enfatizo que a política de metas de inflação é tão importante. É uma grande contribuição para que o país interrompa esse ciclo de "*stop and go*"[61]. ("Perigo para a economia brasileira é interno". *FSP*, 21 mai. 2006, B5)

---

[59] *Market share:* participação no mercado.

[60] *Stakeholders*: aqueles que apostam numa empresa ou empreendimento e assume seus riscos, podendo ser uma pessoa ou grupo como, por exemplo, seus proprietários, seus empregados ou mesmo seus clientes.

[61] *Stop and go:* designa uma estratégia econômica em situações de inflação crônica que consiste na intercalação de medidas recessivas e não recessivas.

Observamos também que em alguns momentos, mesmo utilizando um equivalente em língua portuguesa do Brasil, o jornal coloca a forma estrangeira entre parênteses:

ASSET MANAGEMENT

> "Outro segmento, segundo ele, é a área de gestão de recursos ("*asset management*"), onde há um volume razoável de empresas com bons profissionais." ("Mercado Financeiro". *FSP,* 11 mai. 2006, B6)

DATA ROOM

> "...já buscaram o manual de diligência na Varig, um documento que detalha as condições e os procedimentos operacionais de visita à sala de informações ("*data room"*)." ("Riscos extras esfriam leilão da Varig". *FSP*, 31 mai. 2006, B9)

BUYERS

> "De todo o mundo, 1150 operadores de viagem ("*buyers*") vieram conferir as novidades..." ("Turismo". *FSP*, 13 mai. 2006, B19)

MARKET SHARE

"Quem fica fora das prateleiras da rede, despenca no *ranking* geral de participação de mercado ("market share")." ("Casas Bahia vende 3 de casa 5 TVs do país". *FSP*, 07. jul. 2006, B1)

SUPPLIERS

"Em sua 38ª edição, o Pow Wow reuniu em Orlando mais de 5000 profissionais do setor de turismo, com 1350 estandes onde 3500 pessoas ("*suppliers*") mostraram em 47 mil encontros pré-agendados ... "("Turismo". *FSP*, 13 mai. 2006, B19)

TAGS

"O Yahoo! pretende se antecipar ao Google convencendo os usuários a fazer coisas como acrescentar palavras-chaves às fotografias que publicam na web, publicar resenhas de restaurantes favoritos ou acrescentar etiquetas ("*tags*") às páginas da web que consideram úteis." ("Internauta vai abastecer buscador do Yahoo!". *FSP*, 17 mai. 2006, B12)

WIRELESS

"Não terá computadores para uso no local, mas deverá possuir rede sem fio ("*wireless"*) para que o cliente utilize o seu laptop na loja." ("Starbucks abre loja acessível e com capital 51% nacional". *FSP*, 26 mai. 2006, B11)

Capítulo 4: Análise Quantitativa e Comparativa das incidências dos termos coletados no jornal O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo

4 – Análise quantitativa e comparativa das incidências dos termos coletados nos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo*

Com o objetivo de quantificar e comparar as incidências de estrangeirismos nos suplementos de Economia, do jornal *O Estado de S. Paulo,* e *Dinheiro,* do jornal *Folha de S.Paulo,* apresentamos a seguir tabelas e gráficos dos meses de maio, junho e julho de 2006, bem como a freqüência de uso das palavras coletadas e a análise dos resultados obtidos.

Tabelas e Gráficos dos jornais
O Estado de S.Paulo e
Folha de S.Paulo nos meses de
Maio, Junho e Julho de 2006

4.1 – Tabelas e Gráficos dos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S. Paulo* nos meses de maio, junho e julho de 2006

Tabela 1 – **Maio de 2006**

DIA	JORNAL	TOTAL DE ARTIGOS	ARTIGOS COM ESTRANGEIRISMO	Variação %
1	*OESP*	26	5	19,2%
	FSP	16	3	18,8%
2	*OESP*	36	8	22,2%
	FSP	22	4	18,2%
3	*OESP*	51	11	21,6%
	FSP	47	12	25,5%
4	*OESP*	47	11	23,4%
	FSP	32	4	12,5%
5	*OESP*	34	6	17,6%
	FSP	27	8	29,6%
6	*OESP*	27	4	14,8%
	FSP	25	2	8,0%
7	*OESP*	26	6	23,1%
	FSP	23	9	39,1%
8	*OESP*	32	5	15,6%
	FSP	12	7	58,3%
9	*OESP*	33	5	15,2%
	FSP	30	9	30,0%
10	*OESP*	35	8	22,9%
	FSP	31	8	25,8%
11	*OESP*	40	9	22,5%
	FSP	28	8	28,6%
12	*OESP*	38	6	15,8%
	FSP	24	6	25,0%
13	*OESP*	31	5	16,1%
	FSP	33	7	21,2%
14	*OESP*	32	6	18,8%
	FSP	19	7	36,8%
15	*OESP*	33	10	30,3%
	FSP	13	6	46,2%

DIA	*JORNAL*	TOTAL DE ARTIGOS	ARTIGOS COM ESTRANGEIRISMO	Variação %
16	*OESP*	35	6	17,1%
	FSP	30	6	20,0%
17	*OESP*	37	9	24,3%
	FSP	25	9	36,0%
18	*OESP*	41	9	22,0%
	FSP	32	9	28,1%
19	*OESP*	41	8	19,5%
	FSP	29	4	13,8%
20	*OESP*	23	5	21,7%
	FSP	17	5	29,4%
	4			
21	*OESP*	29	6	20,7%
	FSP	29	8	27,6%
22	*OESP*	31	6	19,4%
	FSP	13	4	30,8%
23	*OESP*	41	13	31,7%
	FSP	35	7	20,0%
24	*OESP*	35	14	40,0%
	FSP	24	10	41,7%
25	*OESP*	35	18	51,4%
	FSP	30	9	30,0%
26	*OESP*	40	15	37,5%
	FSP	28	12	42,9%
27	*OESP*	25	4	16,0%
	FSP	18	3	16,7%
28	*OESP*	30	9	30,0%
	FSP	23	10	43,5%
29	*OESP*	30	6	20,0%
	FSP	15	6	40,0%
30	*OESP*	44	20	45,5%
	FSP	36	9	25,0%
31	*OESP*	44	9	20,5%
	FSP	32	14	43,8%
	TOTAL	**1880**	**487**	**25,9%**

MAIO de 2006

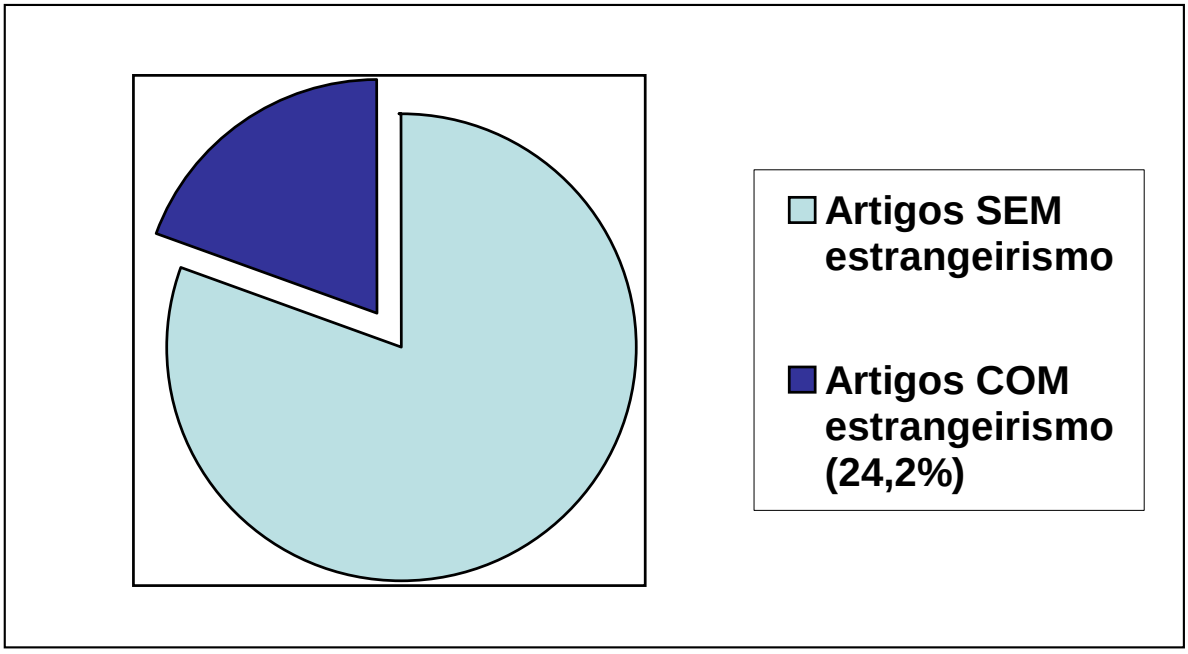

Gráfico 1– Maio de 2006 – *OESP*

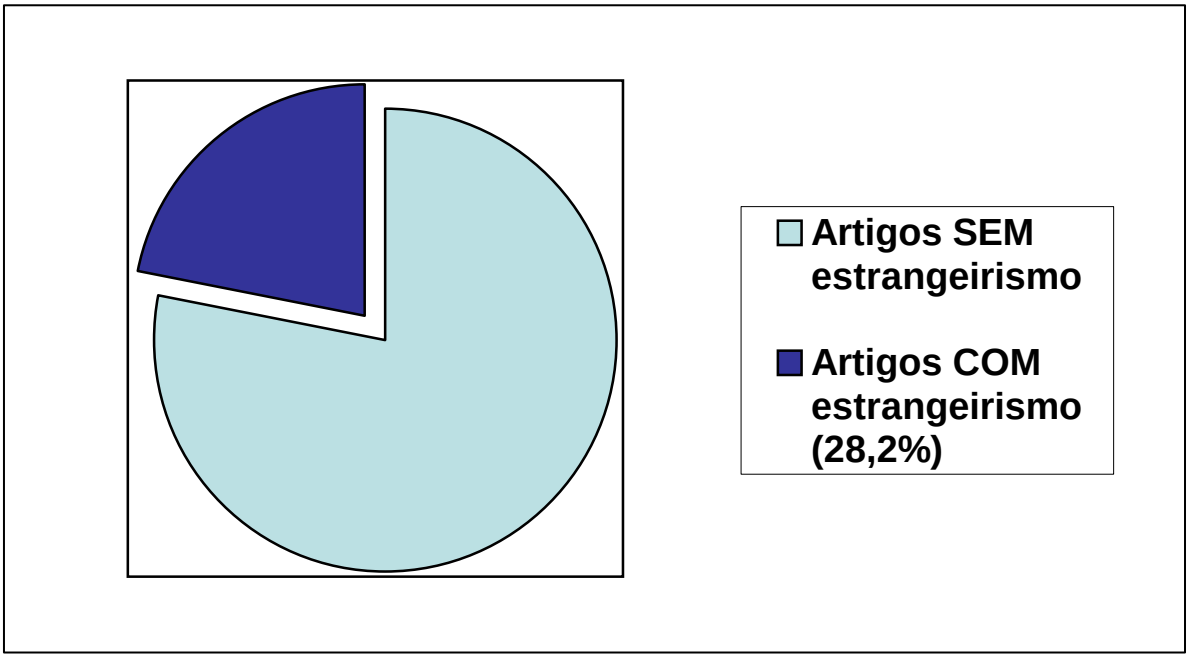

Gráfico 2 – Maio de 2006 – *FSP*

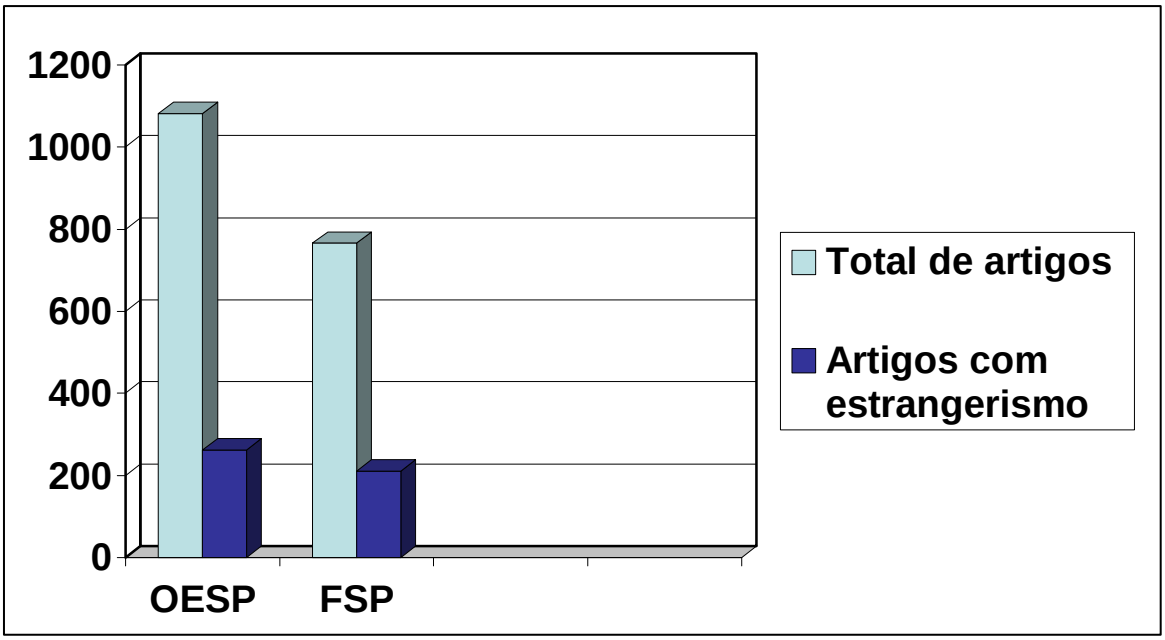

Gráfico 3 – Maio de 2006 – *OESP / FSP*

Tabela 2 – **Junho de 2006**

DIA	JORNAL	TOTAL DE ARTIGOS	ARTIGOS COM ESTRANGEIRISMO	Variação %
1	*OESP*	41	13	31,7%
	FSP	33	6	18,2%
2	*OESP*	38	9	23,7%
	FSP	33	6	18,2%
3	*OESP*	26	7	26,9%
	FSP	16	5	31,3%
4	*OESP*	23	5	21,7%
	FSP	25	11	44,0%
5	*OESP*	31	13	41,9%
	FSP	8	3	37,5%
6	*OESP*	43	5	11,6%
	FSP	30	8	26,7%
7	*OESP*	35	10	28,6%
	FSP	28	7	25,0%
8	*OESP*	36	13	36,1%
	FSP	31	9	29,0%
9	*OESP*	39	10	25,6%
	FSP	18	6	33,3%
10	*OESP*	27	10	37,0%
	FSP	19	8	42,1%
11	*OESP*	27	9	33,3%
	FSP	18	5	27,8%
12	*OESP*	28	13	46,4%
	FSP	15	4	26,7%
13	*OESP*	39	16	41,0%
	FSP	26	11	42,3%
14	*OESP*	30	8	26,7%
	FSP	24	10	41,7%
15	*OESP*	35	9	25,7%
	FSP	24	5	20,8%
16	*OESP*	29	9	31,0%
	FSP	12	3	25,0%

DIA	JORNAL	TOTAL DE ARTIGOS	ARTIGOS COM ESTRANGEIRISMO	Variação %
17	*OESP*	22	6	27,3%
	FSP	18	6	33,3%
19	*OESP*	27	7	25,9%
	FSP	14	5	35,7%
20	*OESP*	32	7	21,9%
	FSP	25	9	36,0%
21	*OESP*	37	12	32,4%
	FSP	30	10	33,3%
22	*OESP*	37	16	43,2%
	FSP	37	10	27,0%
23	*OESP*	33	9	27,3%
	FSP	27	10	37,0%
24	*OESP*	25	5	20,0%
	FSP	24	12	50,0%
25	*OESP*	28	7	25,0%
	FSP	15	4	26,7%
26	*OESP*	30	13	43,3%
	FSP	14	3	21,4%
27	*OESP*	38	15	39,5%
	FSP	29	15	51,7%
28	*OESP*	35	11	31,4%
	FSP	29	8	27,6%
29	*OESP*	37	13	35,1%
	FSP	32	8	25,0%
30	*OESP*	40	6	15,0%
	FSP	31	4	12,9%
	TOTAL	**1672**	**509**	**30,4%**

JUNHO de 2006

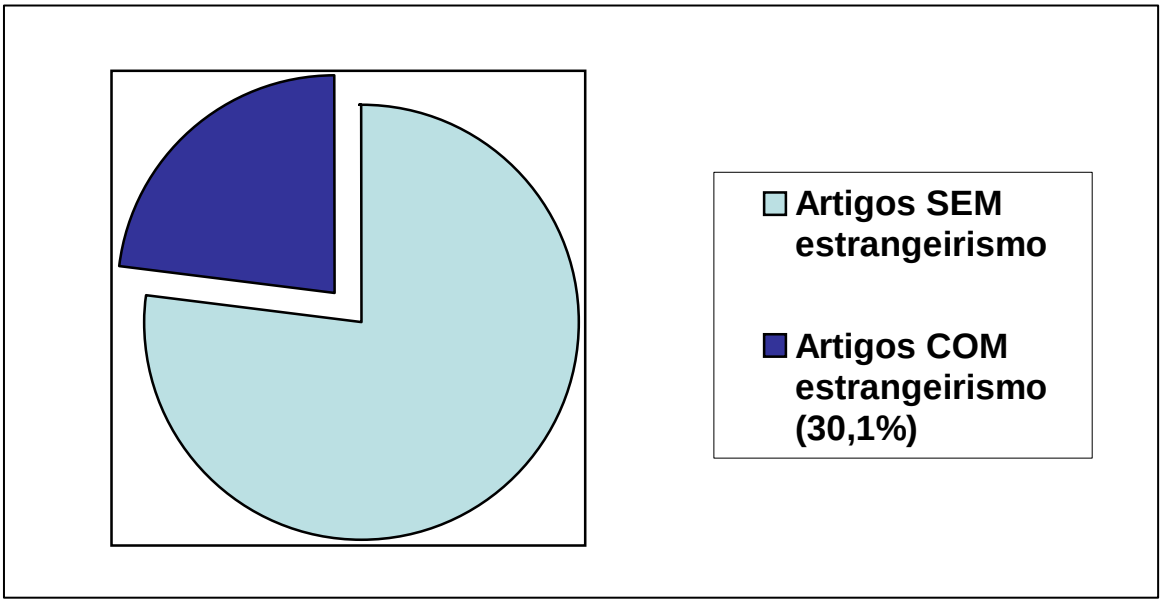

Gráfico 4 – Junho de 2006 – *OESP*

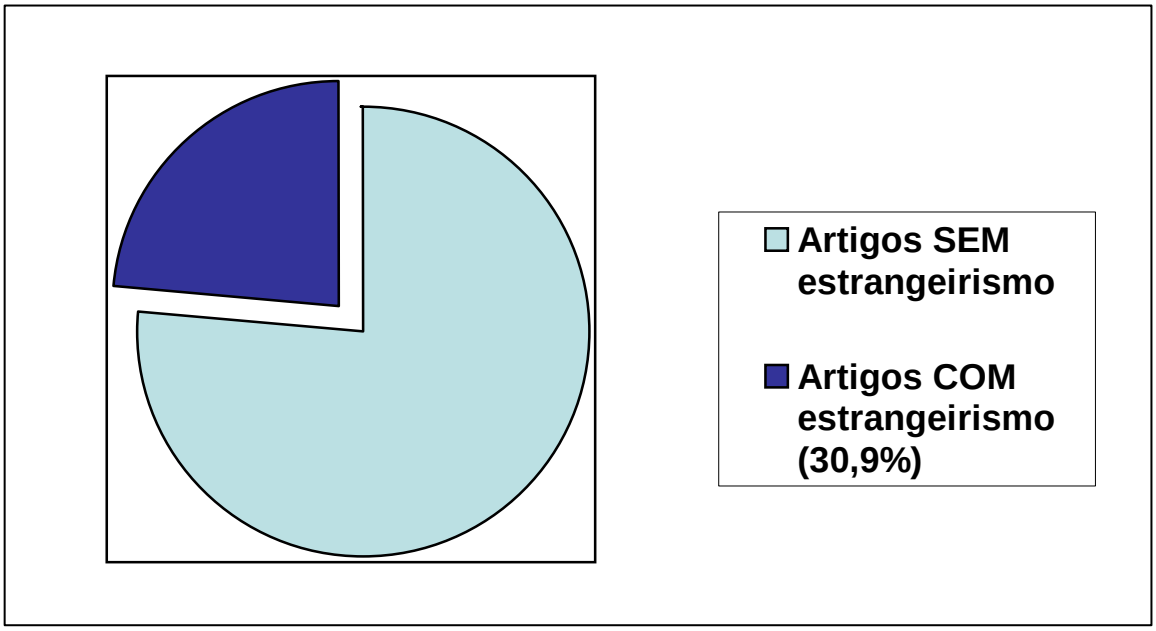

Gráfico 5 – Junho de 2006 – *FSP*

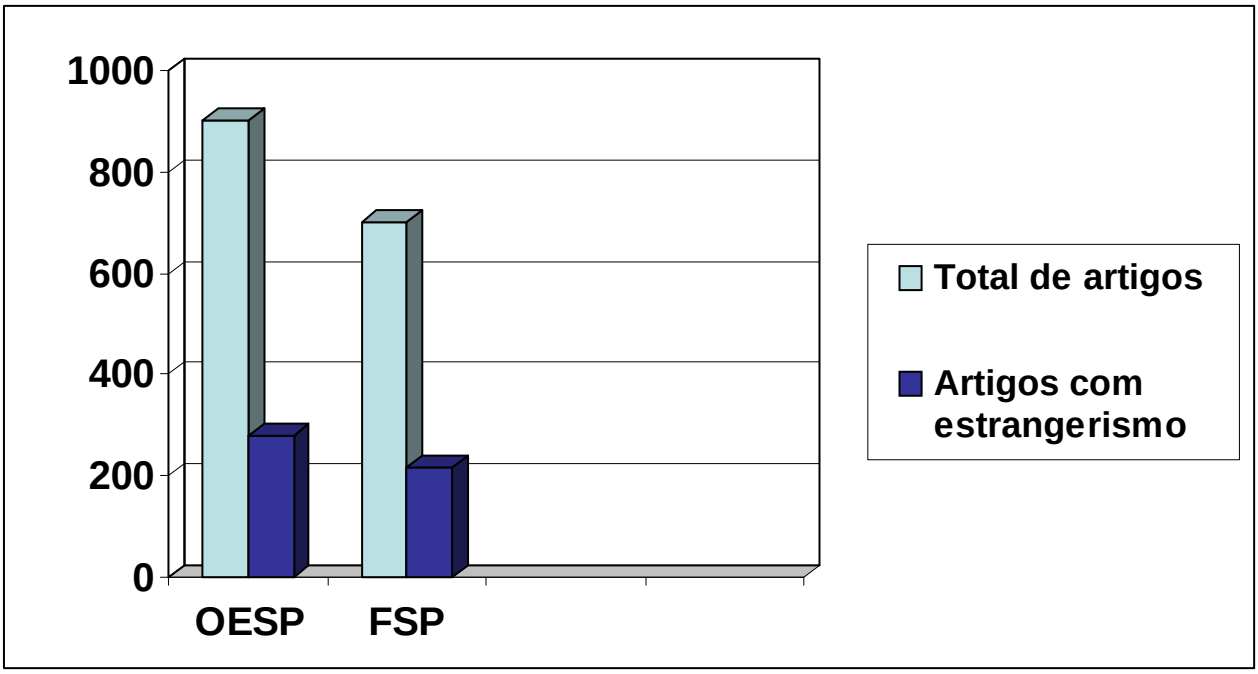

Gráfico 6 – Junho de 2006 – *OESP / FSP*

Tabela 3 – **Julho de 2006**

DIA	JORNAL	TOTAL DE ARTIGOS	ARTIGOS COM ESTRANGEIRISMO	Variação %
1	*OESP*	28	6	21,4%
	FSP	28	12	42,9%
2	*OESP*	19	6	31,6%
	FSP	15	5	33,3%
3	*OESP*	29	6	20,7%
	FSP	16	5	31,3%
4	*OESP*	39	11	28,2%
	FSP	43	9	20,9%
5	*OESP*	37	7	18,9%
	FSP	28	8	28,6%
6	*OESP*	35	4	11,4%
	FSP	29	7	24,1%
7	*OESP*	38	11	28,9%
	FSP	28	8	28,6%
8	*OESP*	23	5	21,7%
	FSP	25	9	36,0%
9	*OESP*	24	9	37,5%
	FSP	16	3	18,8%
10	*OESP*	29	11	37,9%
	FSP	11	6	54,5%
11	*OESP*	42	8	19,0%
	FSP	30	5	16,7%
12	*OESP*	41	5	12,2%
	FSP	27	7	25,9%
13	*OESP*	36	7	19,4%
	FSP	25	6	24,0%
14	*OESP*	37	4	10,8%
	FSP	24	3	12,5%
15	*OESP*	24	5	20,8%
	FSP	17	4	23,5%
16	*OESP*	27	5	18,5%
	FSP	19	5	26,3%

JULHO/06				
p.2		**TOTAL DE**	**ARTIGOS COM**	
DIA	**JORNAL**	**ARTIGOS**	**ESTRANGEIRISMO**	**Variação %**
17	*OESP*	29	5	17,2%
	FSP	11	3	27,3%
19	*OESP*	44	10	22,7%
	FSP	30	9	30,0%
20	*OESP*	40	9	22,5%
	FSP	25	5	20,0%
21	*OESP*	37	6	16,2%
	FSP	35	7	20,0%
22	*OESP*	30	5	16,7%
	FSP	31	3	9,7%
23	*OESP*	25	6	24,0%
	FSP	18	5	27,8%
24	*OESP*	27	8	29,6%
	FSP	17	2	11,8%
25	*OESP*	34	10	29,4%
	FSP	25	9	36,0%
26	*OESP*	34	13	38,2%
	FSP	32	8	25,0%
27	*OESP*	39	7	17,9%
	FSP	39	8	20,5%
28	*OESP*	33	5	15,2%
	FSP	30	9	30,0%
29	*OESP*	27	7	25,9%
	FSP	26	5	19,2%
30	*OESP*	25	6	24,0%
	FSP	16	3	18,8%
31	*OESP*	29	6	20,7%
	FSP	13	3	23,1%
	TOTAL	**1755**	**406**	**23,1%**

JULHO de 2006

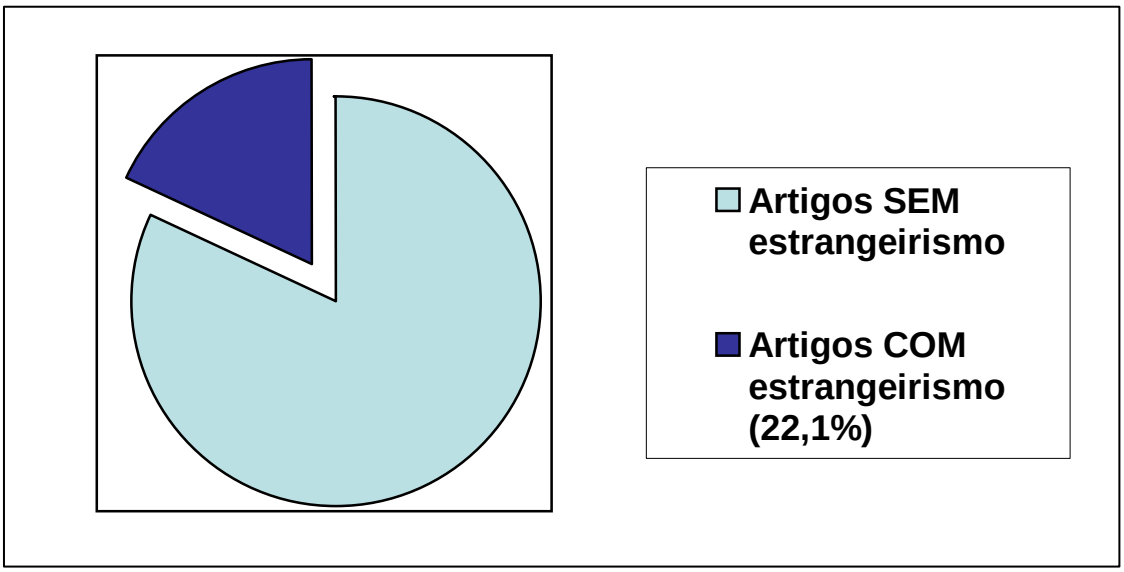

Gráfico 7 – Julho de 2006 – *OESP*

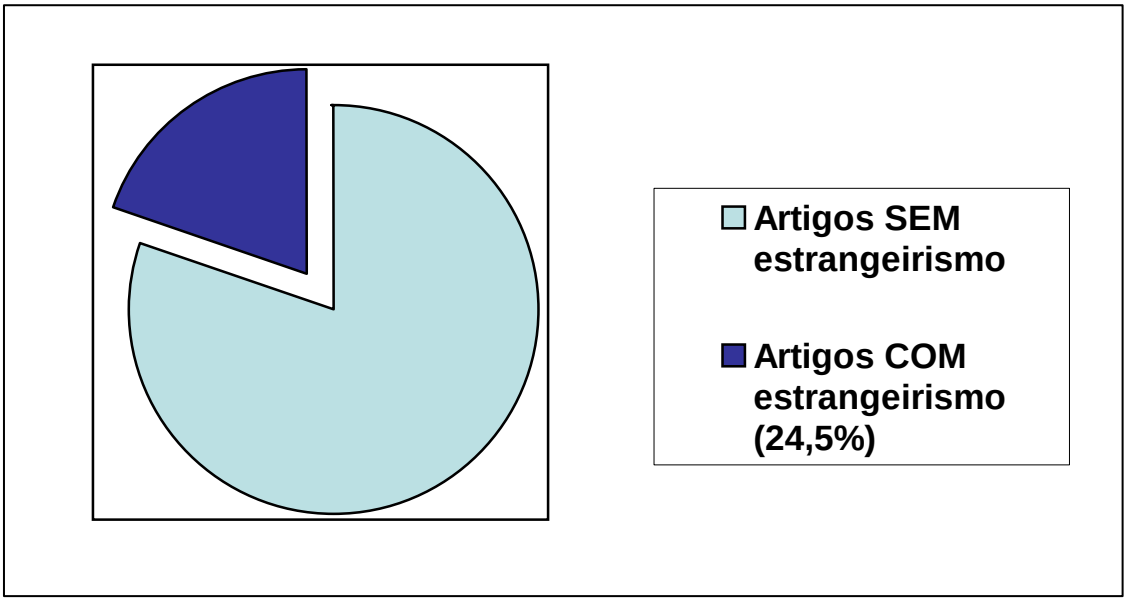

Gráfico 8 – Julho de 2006 – *FSP*

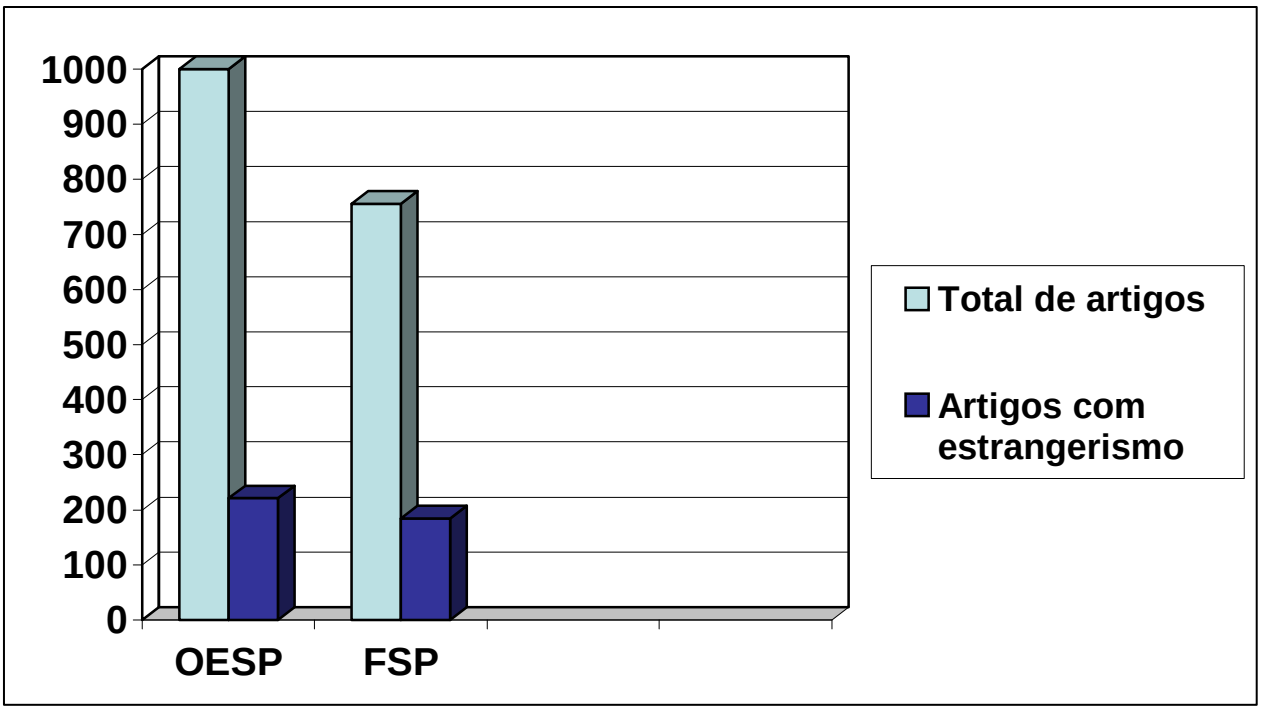

Gráfico 9 – Julho de 2006 – *OESP / FSP*

Freqüência do uso dos estrangeirismos

4.2 – Freqüência do uso dos estrangeirismos

Optamos pela análise dos termos de maior freqüência encontrados nos cadernos *Economia*, do jornal *O Estado de S.Paulo,* e *Dinheiro,* do jornal *Folha de S.Paulo,* com o objetivo de verificar o comportamento dos termos no decorrer dos meses e a manutenção, ou não, de uma freqüência constante de mês a mês, de jornal a jornal. Optamos, neste momento, por analisar a freqüência de vocábulos pertinentes à área de economia e excluir os termos que, embora possuam alto grau de freqüência, são específicos de outras áreas.

Tabela 4 – **Freqüência do uso dos estrangeirismos**

PALAVRAS	*Maio-OESP*	*Maio-FSP*	*Junho-OESP*	*Junho-FSP*	*Julho-OESP*	*Julho-FSP*	TOTAL
ACCOUNTABILITY			1				1
AFTER MARKET		1					1
BLUE CHIPS		1					1
BOOM	2	2	2	3	4	2	15
BRADIES	1			1			2
CARRY TRADE		1		1			2
CASH				1			1
CASH MANAGEMENT	1						1
CIRCUIT BREAK				1			1
CLEARING				1			1
CODE SHARE		1	2	5	1		9
COMMODITY	23	33	17	28	13	33	147
CONFERENCE CALL						1	1
CRASH				1	1		2
CURRENCY BOARD						1	1
DATA ROOM	4	5	4	4		1	18
DAY AFTER				1			1
DISCLOSURE		1					1
DRAWBACK				1			1
DUMPING			1				1
EXPERT			1				1
FAST TRACK			1	1		1	3
FLAT TAX	1						1
FRONT			1		1		2
GAP	1						1
HARD LANDING			1	1		2	4
HEDGE	4	1	7		3	1	16
HEDGE FUNDS		1	1	1		2	5
HOLDING	8	5	10	2	5	4	34
HOME BROKER		1				2	3
HOTRANS		2		1	1		4
INTERNET BANKING		1		1	1		3
INVESTMENT GRADE		3		1	4	2	10
JOINT VENTURE	3	2	3		3		11
JUST-IN-TIME					1		1
KNOW HOW		2	1		2		5
LEASING	5	5	6	23	5	11	55
LOW COST, LOW FARE						2	2
MARKET SHARE	2	3	1	9		13	28
MARKETING		2	11	3	12	6	34
MIDDLE MARKET	1						1
MIX	5		4	1		1	11
OFFSHORE		3	1	3	1		8
OUTSOURCING				1			1
OVERNIGHT	1						1
PAYROLL						1	1

PALAVRAS	*Maio-OESP*	*Maio-FSP*	*Junho-OESP*	*Junho-FSP*	*Julho-OESP*	*Julho-FSP*	TOTAL
PERFOMANCE		1	2	1	2	3	9
PLAYER		1	3	2	3	2	11
POOL			1				1
PRIVATE BANKING		2					2
PRIVATE EQUITY		1					1
RANKING	10	8	9	12	8	22	69
RATING	3	1		3	1	1	9
RECALL	1	1	1		1	1	5
ROYALTIES	9	1	3	1	6	2	22
SHORT SELLERS					1		1
SLOTS		3	7	6	3	2	21
SOFT LANDING			1	1		2	4
SOFT POWER	1						1
SPREAD	3	2	2	6	8	2	23
STATUS		2	1	1	3	1	8
STOP AND GO		1					1
STOP LOSS	1						1
SWAP	1	8	2	3	4	2	20
TAKE OR PAY	1						
TARGET	1						1
TIMING	2	2					4
TRADING	5	3		7	2	6	23
TRANSFER PRICING	1						1
TREASURIES				1		1	2
TURNING POINT					1		1
TURN-OVER		1		2			3
UPGRADE			3	1			4

Análise comparativa das incidências dos estrangeirismos nos jornais O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo nos meses de Maio, Junho e Julho de 2006

4.3 – Análise comparativa das incidências dos estrangeirismos nos suplementos Economia do jornal *O Estado de S.Paulo* e Dinheiro do jornal *Folha de S.Paulo*

Entendemos que a análise comparativa da incidência dos estrangeirismos que nos propomos fazer, leva em consideração um *corpus* pequeno, o que impossibilita um tratamento estatístico mais aprofundado; por isso, ao mencionarmos os valores encontrados, intentamos apenas facilitar a visualização geral dos resultados alcançados.

Verificamos que a freqüência de uso de estrangeirismos do suplemento *Dinheiro,* do jornal *Folha de S.Paulo,* é ligeiramente superior à do suplemento *Economia,* do jornal *O Estado de S. Paulo:*

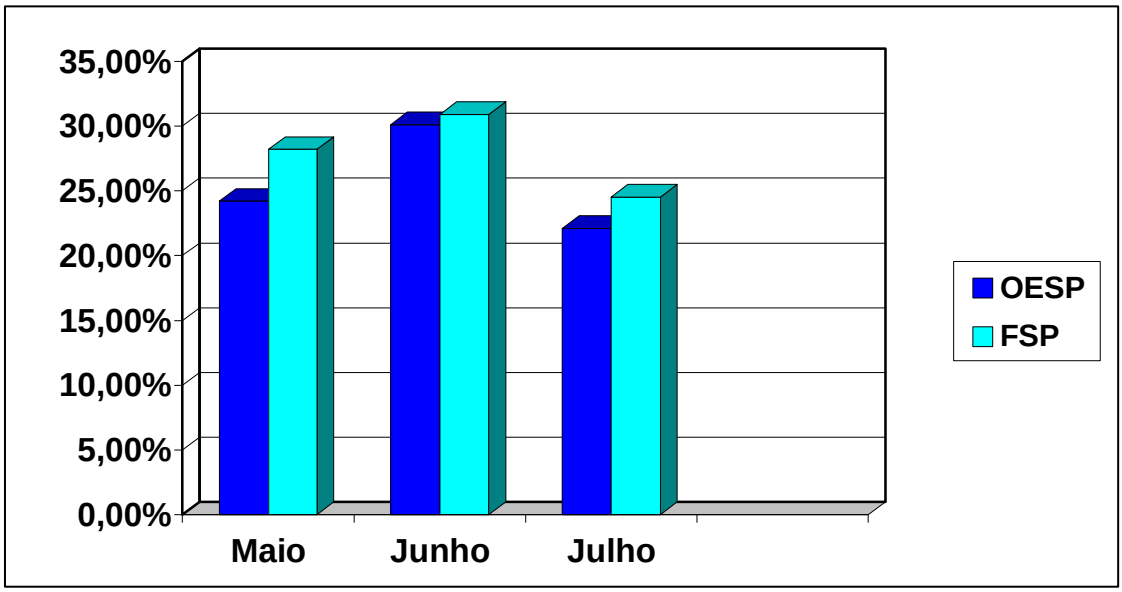

Gráfico 10 – Estrangeirismos *OESP / FSP*

No período de maio a julho de 2006, a variação percentual entre o total de artigos e os artigos que apresentaram estrangeirismos ficou entre 25% e 30% nos dois jornais.

O suplemento *Dinheiro,* do jornal *Folha de S.Paulo,* é o responsável pelo dia em que ocorreu o pico de uso de estrangeirismos, se compararmos com o total de artigos existentes nesse dia. No dia 08 de maio, o suplemento possui um total geral de 12 artigos, e 7 (58,3%) deles possuem estrangeirismos. Observamos também que, no artigo "Aplicações pela internet atingem recorde" (*FSP*, 08 mai. 2006), há 4 estrangeirismos ("*Home broker*" "*Online*" "*Ticket*" e "*Brokers*"), sem tradução ou explicação, apenas entre aspas.

Os dez termos de maior incidência, no período de maio a julho de 2006, foram: "*Commodity*", "*Ranking*", "*Leasing*", "*Marketing*", "*Holding*", "*Market Share*"; "*Spread*", "*Trading*", "*Royalties*" e "*Slots*".

"*Commodity*" e "*Leasing*" apresentam maior incidência no jornal *Folha de São Paulo,* enquanto "*Holding*" e "*Royalties*" são mais freqüentes no jornal *O Estado de S.Paulo.*

Nenhum dos dois jornais opta por um critério único para explicar e/ou traduzir os estrangeirismos, pois alguns deles aparecem, em alguns artigos, com a tradução, e, em outros artigos, sem tradução e/ou explicação.

Como exemplos, citamos o termo "*spread*", no jornal *O Estado de S.Paulo:*

> "Os bancos só começaram a reduzir o *spread* (diferença entre o custo de captação do dinheiro e a taxa cobrada nos empréstimos tomados pelo consumidor) a partir do segundo trimestre deste ano..." ("Os bancos oficiais na campanha" *OESP,* 20 jul. 2006, B5)

> "As instituições financeiras privadas anteciparam-se aos bancos oficiais na redução de *"spread",* que, em junho, caiu para 13,6 pontos porcentuais (pp), ante 14pp em maio..." ("Crédito ligeiramente mais barato". *OESP*, 27 jul. 2006, B2)

e o termo "*rating*", no jornal *Folha de S.Paulo:*

> "Ontem, a agência de classificação de risco Standard & Poor´s revisou a perspectiva do "*rating"* (nota de risco) da Turquia de "positiva" para "estável". ("Temor de juro mais elevado afeta Bolsas pelo mundo". *FSP,* 28 jun. 2006, B8)

> "Para atingir o que o mercado financeiro chama de grau de investimento, o Brasil ainda precisa de duas elevações de "*rating*". ("Crise na Airbus abala a Europa". *FSP*, 29 jun. 2006, B10)

Em outras ocasiões, uma mesma palavra pode estar grafada num mesmo artigo, de formas diferentes. Por exemplo, no artigo "Planalto nega pressão sobre banco federal" (*FSP*, 20 jul. 2006) ocorre isso com a

palavra "*spread*", grafada entre aspas e sem aspas, negrito ou itálico. Outras palavras estrangeiras como *investment grade, spread*, *hedge*, *swap*, *market share*, *home broker* também tiveram grafias diferenciadas em vários artigos. Em alguns momentos, essas palavras foram traduzidas e/ou explicadas e, em outros, se incorporaram ao léxico português sem qualquer tipo de marcação (aspas, itálico ou negrito).

Quanto ao gênero dos estrangeirismos, a maioria dos encontrados no *corpus* do nosso trabalho foi integrada ao léxico português no masculino: o *ranking*, o *home broker*, o *dumping,* o *hedge*, o *market share*, etc. No caso do número, manteve-se o plural da língua de origem: *hedge/ hedges*, *player/players*, *commodity/commodities*, *royalty/royalties*, etc.

Biderman (2001, p.203-213) afirma que nem sempre a vida de um estrangeirismo é longa. Por vezes, é bem efêmera como acontece com as gírias. Mas ele pode se tornar duradouro, quando dicionarizado. O dicionário como depositário físico do tesouro léxico abstrato da língua atua como arquivo fixador das lexias orais que poderiam morrer facilmente, se não fosse esse arquivo que as recolhe e preserva, às vezes por séculos.

No *corpus* do nosso trabalho e entre os termos com maior incidência (Tabela 4 – Freqüência do uso dos estrangeirismos), num total de 72 termos, encontramos 30 termos que constam no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2006). São eles: *boom, cash, clearing,*

commodity, crash, data room, drawback, dumping, expert, front, gap, hedge, holding, joint venture, know-how, leasing, marketing, offshore, overnight, performance, pool, ranking, royalty, spread, status, stop and go, swap, timing, turn-over, upgrade.

Entretanto, afirma Biderman (2001, p.203-213):

> ...não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexeqüível.

Considerações Finais

Considerações Finais

Partindo do pressuposto de que o estrangeirismo é um fato recorrente da língua, esta dissertação teve como objetivo, conforme mencionamos na Introdução, examinar a incidência de estrangeirismos em língua inglesa no discurso jornalístico e, mais especificamente, na área econômica.

Nesse sentido, consideramos, primeiramente, o panorama geral da economia brasileira e as principais manchetes dos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo*, no período de maio a julho de 2006, para depois nos dedicarmos ao Projeto de Lei do deputado Aldo Rebelo, PL1676/99, sobre estrangeirismos, que gerou grande polêmica entre especialistas no idioma português, tais como lingüistas, filólogos, professores de português, membros da Academia Brasileira de Letras e articulistas da imprensa especializada.

O Projeto de Lei nº 1676/99, diz, entre outras coisas, que "nosso homem do campo" não compreenderá o termo *printar*, porque é um verbo derivado do inglês. Mas será que esse mesmo camponês entenderia o verbo *imprimir*? Nem o brasileiro mais culto e bem-informado poderá entender termos que não fazem parte do seu universo de referências.

Para Bagno (in FARACO, 2004 p.73-74) a compreensão ou não de uma palavra nem sempre tem a ver com sua origem, com sua etimologia, com a língua da qual ela procede: tem a ver com a coisa ou o fato que

ela designa, com o mundo de referências ao qual ela remete. Só quem conhece o mundo dos navios a vela, por exemplo, saberá o significado de *estai da mezena do joanete, a sobregatinha*, *a giba, a ostaga e a draiva*, entre outros termos igualmente poéticos e estranhos, mas que são português "puro". Para muita gente culta, eles soam mais estrangeiros do que *boom, ranking, cash, recall* ou *leasing*. O nosso camponês, por outro lado, se for interessado no esporte mais popular do país, saberá perfeitamente o que é um *pênalti*, um *gol* e um *drible*, termos de origem inglesa que ficaram quase inalterados no português do Brasil, bem como o nome do próprio *futebol*.

Do empréstimo do árabe, das línguas germânicas, do italiano, do francês, do espanhol, das línguas africanas, das línguas indígenas, do inglês, etc., o português foi se formando. Lima (2000) faz a seguinte indagação:

> ...como falaríamos hoje se, na esquadra de Cabral, houvesse um Aldo Rebelo que proibisse a utilização de termos em tupi-guarani? Em vez de batizar bairros e cidades com belos e sonoros nomes de origem indígena, os brasileiros teriam de traduzi-los para o português. Os paulistanos não iriam mais correr no Ibirapuera, e sim exercitar-se no "Parque Madeira Podre". E o ipanemense Vinícius de Moraes teria como musa uma certa "garota da Água Ruim".

Ainda na defesa da incorporação do estrangeirismo, dizem Garcez e Zilles (in FARACO, 2004,p.29-30) que, para os que desconsideram a diversidade lingüística brasileira, o estrangeirismo é uma ameaça à unidade nacional porque emperra a compreensão dos que não conhecem a língua estrangeira. Isso seria próximo de afirmar que um enunciado como "Eu baixei um programa novo de computador" seria "plenamente compreensível por todos os brasileiro, independente do nível de instrução e das peculiaridades regionais da fala e escrita".

Na verdade, observando a evolução da nossa língua, verificamos que o estrangeirismo não está presente somente nos dias de hoje; em meados do século XIX era elegante falar português com sotaque lusitano. Também houve a fase das citações em latim e francês para "enobrecer" os textos e os vocábulos, como fizeram alguns escritores brasileiros. No entanto, agora estamos na plenitude do "americanês". Assim, pudemos constatar que apesar dos esforços dos puristas e nacionalistas, a língua usada no dia-a-dia da área econômica está permeada de termos ingleses.

Com a globalização, quem está exportando produtos para outros países, na maioria das vezes, acaba exportando também seu idioma; caso contrário, negócio nenhum é fechado.

As tabelas, gráficos e relatório de freqüência dos termos encontrados no *corpus* demonstram, resumidamente, tudo que foi observado. Os termos de maior incidência: *"Commodity", "Ranking", "Leasing", "Marketing", "Holding", "Market Share"; "Spread", "Trading",*

"Royalties" e *"Slots"* refletem as grandes tendências do período entre maio e julho de 2006.

A reflexão sobre a aplicação das normas editoriais e de estilo contidas nos manuais de redação dos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo* nos mostra que é possível termos a ampla presença de estrangeirismos convivendo num texto escrito na língua portuguesa do Brasil. Além disso, como observamos, muitas vezes o estrangeirismo é seguido de tradução ou uma definição do seu significado, e, ainda, sua utilização constante constitui um critério para que esse elemento estrangeiro seja aceito no acervo lexical do português.

Por exemplo, Zeca Baleiro, em sua música "Samba do *Approach*", faz uma crítica descontraída com relação aos estrangeirismos na língua portuguesa do Brasil:

Zeca Baleiro – Samba do Approach

Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*, venha provar!
Venha provar meu *brunch*... saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*
Eu tenho *savoir-faire* meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*, toda hora rola um *insight*
Já fui fã do Jethro Tull, hoje me amarro no Slach
Minha vida agora é *cool,* meu passado já foi *trash*
Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*, *beautiful!*

Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*
Fica ligado no *link* que eu vou confessar *my love*
Depois do décimo *drink,* só um bom e velho engov
Eu tirei meu *green card* e fui para Miami Beach
Posso não ser *pop star*, mas já sou um *nouveau riche*
Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*, venha provar!
Venha provar meu *brunch...* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat*
Eu tenho *sex-appeal* saca só meu *background*
Veloz como Damon Hill, tenaz com Fittipaldi
Não dispenso um *happy end*, quero jogar no *dream team*
De dia um macho *man* e de noite uma *drag queen*
Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*, eu ando de *ferryboat, beautiful!*
Venha provar meu *brunch* saiba que eu tenho *approach*

Zeca Baleiro junta samba brasileiro com palavras do inglês e consegue harmonizar, por meio da música, a influência cultural de outro povo na nossa.

Em síntese, como aponta o próprio texto de Zeca Baleiro, a prática diária aponta que os estrangeirismos são geralmente bem aceitos, inclusive por certos segmentos de usuários jovens, e são, em geral, modismos ou tidos como inevitáveis em certos círculos profissionais. Por isso, não podemos falar em uma condenação geral desse fato da língua.

Entendemos que não é o uso do estrangeirismo que desmerece o funcionamento de uma língua, até porque a incorporação de termos de uma língua à outra, quando acontece, não se dá de forma impositiva, mas de forma natural. Coibir esse acréscimo é querer impedir o inevitável caminho de evolução lingüística.

Pelos exemplos coletados em nosso trabalho, vimos que os idiomas não são pedras, mas esponjas. A língua não é algo estagnado, mas sim um elemento que acompanha a história do homem que a fala e está sujeita às alterações do meio e a influências externas a esse meio. Os empréstimos lingüísticos fazem parte dessa história, por isso o que podemos fazer é apenas discutir o uso exagerado dos estrangeirismos - isto é, discutir os casos em que se utiliza o estrangeirismo, embora haja o termo equivalente na língua vernácula. Acreditamos que a comunicação, por força do exagero, pode resultar prejudicada.

Glossário

Glossário

Este miniglossário consta de uma listagem de termos técnicos de economia encontrados nos suplementos *Economia,* do jornal *O Estado de S. Paulo,* e *Dinheiro,* do jornal *Folha de S. Paulo*. A listagem contém um total de 45 termos e representa uma amostragem dos vocábulos encontrados no corpus do nosso trabalho no período de maio a julho de 2006.

BLUE CHIPS

Ações, na Bolsa de Valores, das mais rentáveis, seguras, estáveis e de maior liquidez.

"...e, mais importante, várias das "*blue chips*", ainda acumulam valorização nos últimos 12 meses em torno de 100%, o que tende a reduzir seu potencial de alta." ("Ações conseguem sustentar cotações". *FSP*, 29 mai. 2006, B4)

BOOM

Estouro; crescimento rápido e repentino.

"Afinal, o crescimento dos últimos três anos foi puxado principalmente pelo "*boom*" habitacional e pela expansão dos gastos do consumidor." ("Desaceleração ameaça os EUA". *OESP*, 20 mai. 2006, B14)

BROKER

Corretor.

"...já registraram migração de clientes que antes negociavam por meio dos "*brokers*" das mesas de operação para o sistema on-line. ("Aplicações pela internet atingem recorde". *FSP*, 08 mai. 2006, B19)

BUYER

Comprador.

"De todo o mundo, 1150 operadores de viagem ("buyers") vieram conferir as novidades..." ("Turismo". *FSP*, 13 mai. 2006, B19)

CARRY TRADE

Tomada de empréstimos denominados em moedas com baixas taxas de juros.

"Os temores de inflação, as taxas elevadas de juros reais e a preocupação quanto ao dólar vêm sendo reforçados pela gradual retirada de liquidez pelos BCs e pelo lento declínio final do chamado "*carry trade*" (tomada de empréstimos denominados em moedas com baixas taxas de juros)." ("Aperte o cinto para turbulência". *FSP*, 18 mai. 2006, B3)

CASH

Moeda circulante; dinheiro vivo; dinheiro disponível.

"Isso não é moeda podre, é "*cash*" puro." ("Juiz adia decisão sobre falência da Varig". *FSP*, 10 jun. 2006, B1)

COMMODITY

Mercadoria; produto.

"O vaivém das "*commodities"* ("Mercados". *FSP*, 06 mai. 2006, B9)

CRASH

Quebra; falência.

"O estopim do "*crash*" das ações foi a anúncio feito pela Airbus que haveria atrasos nas primeiras entregas do seu futuro avião gigante, o A380..." ("Crise na Airbus abala a Europa". *OESP*, 16 jun. 2006, B10)

CURRENCY BOARD

Regime em que o governo dá garantia de trocar moeda nacional, a uma taxa fixa, por moeda estrangeira, ou conversibilidade com taxa fixa de câmbio.

"Uma vez que não se iria fazer "*currency board*", por razões políticas e simbólicas, não tinha outra alternativa senão flutuar." ("A maturidade do carbonário". *FSP*, 16 jul. 2006, B4)

DATA ROOM

Local que serve para a apresentação de informações sobre uma instituição ou empresa.

"...básicas e as garantias estão no "*data-room*" (sala com informações financeiras sobre os ativos que irão a leilão." ("Entrevista". *OESP*, 05 jun. 2006, B10).

DAY AFTER

Refere-se ao que aconteceria após determinado acontecimento.

"Estão todos falando sobre a escolha do padrão e ninguém está se preocupando com o "*day after*". ("Telecomunicações". *FSP,* 06 jun. 2006, B9)

DRAWBACK

Devolução dos direitos alfandegários pagos na importação de matérias-primas, quando estas são reexportadas em forma de artefatos industriais.

"Hoje em dia, não exportamos mais café porque não fazemos "*drawback*"." ("Importar café para exportar traz novo estímulo ao setor". *FSP*, 06 jun. 2006, B12)

DUMPING

Prática comercial que consiste em vender produtos a preços inferiores aos custos, com a finalidade de eliminar concorrentes e/ou ganhar maiores fatias do mercado.

"Fabricantes de pneus instalados no País acusam a China de praticar *dumping* na exportação de pneus novos ao Brasil." ("Indústria de pneus acusa China de *dumping*". *OESP*, 26 jul. 2006, B7)

FLAT TAX

Imposto com alíquota uniforme.

"De outro lado, o novo Imposto de Renda seria um *flat tax* abrangente e incidiria sobre todos os rendimentos, sem faixa de isenção ou qualquer dedução, com a alíquota uniforme de 17%." ("Mais uma_proposta de reforma tributária". *OESP*, 05 mai. 2006, B2)

HEDGE

Comprar ou vender mercadorias ou contratos de câmbio futuros, com a finalidade de eliminar ou restringir o risco envolvido em flutuações de preços.

"Finalmente, o suporte público na busca do "*hedge*" energético pode ser feito com métodos que minimizem a escolha discricionária dos burocratas e maximizem a exploração de rotas por agentes privados..." ("Hedge energético". *OESP*, 17 jun. 2006, B2)

HOLDING

Empresa criada para comprar e deter ações de outras empresas, denominadas subsidiárias, centralizando o controle sobre elas.

"A Telemar deixaria de ter acionistas controladores; as ações preferenciais ganhariam direito a voto e seria criada uma nova "*holding*" batizada de Oi Participações." ("Telemar acena com R$ 3 bi em dividendos". *FSP*, 12 mai. 2006, B11)

HOME BROKER

Sistema de negociação de ações pela internet.

"Também ajudaram a impulsionar o "*home broker*" o cenário interno.." ("Aplicações pela internet atingem recorde". *FSP*, 08 mai. 2006, B3).

HOTRANS

Permissão para voar determinada rota.

"Na semana passada, a Justiça adotou medida para garantir a viabilidade do leilão ao decidir que comprador levará os "*hotrans*" (permissão para voar determinada rota) como parte dos ativos da companhia." ("Anac suspende distribuição de espaços". *FSP*, 18 mai. 2006, B5)

INVESTMENT GRADE

Categoria dada a países que têm poucos riscos de darem calote em sua dívida.

"...mas a evidência de que as avaliações são compatíveis está em que Chile e México já são classificados como *investment grade.*" ("Hedge energético". *OESP*, 16 jul. 2006, B3)

JOINT VENTURE

Designa uma espécie de fusão não-definitiva entre sociedades, para a realização de determinado empreendimento comercial, dividindo as suas obrigações, lucros e responsabilidades, mas conservando a sua personalidade jurídica própria.

"Além da Petrobrás, atuam na Bolívia a "*joint venture*" espanhola-argentina Repsol-YPF, a British Gas, a British Petroleum, a franco-belga Total-Elf e as americanas Panamerican e Exxon-Mobil." ("Tensão na América do Sul". *OESP*, 02 mai. 2006, B1).

KNOW-HOW

Conhecimento prático; habilidade prática; experiência.

"Ninguém tinha experiência com negócio próprio, e ter uma franquia foi a forma que encontramos de pagar por este "know-how". ("Investimento". *OESP*, 22 jun. 2006, B16)

LEASING

Modalidade de contrato de arrendamento que associa aluguel e venda à prestação, por meio de uma técnica especial de financiamento.

"O acordo previa que as despesas operacionais dos vôos compartilhados, como "*leasing*", combustível ou manutenção, entre outras, fossem assumidas pela Ocean Air." ("Ex-diretor da Vale vai_presidir a Ocean Air". *FSP*, 04 mai. 2006, B11)

LOWCOST, LOW FARE

Conceito de custos e tarifas baixas.

"Nos Estados Unidos, a Southwest, primeira companhia aérea do mundo a adotar o conceito de custos e tarifas baixas (*low cost, low fare* em inglês*),* é comandada por uma mulher, Collen Barret." ("Maria Silvia, ex-CSN, pode dirigir nova Varig". *OESP*, 22 jul. 2006, B3)

MARKET SHARE

Participação no mercado.

"...registrou em 2005 o melhor ano de sua história, com recordes de faturamento, entre lucro e "*market share*". ("Estratégica Líquida". *FSP*, 13 mai. 2006, B2)

MIDDLE MARKET

Empresas que faturam entre US$ 5 milhões e US$ 100 milhões.

"Também no setor de *middle market* (empresas que faturam entre US$ 5 milhões e US$ 100 milhões), o Itaú vai ganhar." ("Sonia Racy". *OESP*, 04 mai. 2006, B2)

MIX

Mistura, combinação.

"De acordo com a associação, os supermercados investiram em promoções, incentivaram as vendas a crédito e adequaram e ampliaram o *mix* de produtos e serviços." ("Supermercados recuperam perdas nas vendas de abril". *FSP,* 25 mai. 2006, B6)

OFFSHORE

Atividades fora do país, principalmente em paraísos fiscais.

"Ontem, praticamente todos os jornais abordaram abertamente o dinheiro "*offshore*" dos sócios do Pactual." ("A lógica tributária da venda do Pactual". *FSP*, 10 mai. 2006, B4)

OVERNIGHT

Aplicações feitas no mercado aberto em um dia para resgate no dia seguinte.

"Nas economias nacionais, definidas pela jurisdição dos bancos centrais sobre a atividade bancária, essa regulação é feita, no dia-a-dia, pela administração do mercado de reservas bancárias, e o principal instrumento de ação direta dos bancos centrais sobre as economias é o custo *overnight* dessas reservas." ("Saber quando parar e o que falar". *OESP*, 21 jul. 2006, B2)

OUTSOURCING

Terceirização.

"As duas empresas firmaram um contrato de *outsourcing* de TI de US$ 200 milhões ." ("Contrato de TI". *FSP*, 19 jun. 2006, B2)

PERFORMANCE

Desempenho; atuação.

" Contudo, alertam que não há sinais de que o desempenho industrial esteja mantendo a mesma "*performance*" no segundo trimestre." ("Na frente". *OESP*, 01 jun. 2006, B2)

PRIVATE BANKING

Atendimento a clientes especiais do banco.

"...um dos seus últimos compromissos antes da competição: uma palestra exclusiva para 20 dos maiores gestores na área de "*private banking*" do país." ("Meu ataque precisa melhorar". *FSP*, 05 mai. 2006, B2)

RANKING

Posição.

"A despeito dos progressos alardeados nos últimos anos, a nova onda de turbulência financeira global mostrou que o Brasil continua entre os líderes do "*ranking*" de países mais vulneráveis às oscilações da economia no resto do mundo." ("País avança, mas segue vulnerável". *FSP*, 28 mai. 2006, B1).

RECALL

Convocação feita por um fabricante para que o comprador de um produto com defeito se apresente para, sem ônus, trocá-lo ou ter substituída alguma peça dele.

"... o consumo de bebidas com ferro não causa dano à saúde, mas o *recall* seria uma medida preventiva." ("Negócios". *OESP,* 03 mai. 2006, B16)

ROYALTIES

Pagamento pelo direito de exploração.

".. O Estado boliviano se apropriará, a título de imposto sobre produção, de 32% das receitas além de 18% de "*royalties"*..." ("Tensão na América do Sul". *OESP*, 02 mai. 2006, B1)

SHORT SELLERS

Operador do mercado financeiro que vende títulos, ações, etc. que não possui (venda a descoberto).

"Ele insistia que o colapso da Enron deveu-se a uma "conspiração" desencadeada por *"short sellers"* (pessoas que vendem ações a termo), um grupo de velhacos cujas atividades ele desconhecia, e pela mídia." ("Memória" *OESP,* 06 jul. 2006, B15)

SOFT POWER

Poder, força de influência de um país que não provém do poderio militar.

"O Brasil não tem os recursos, poder militar, "*soft power"* " e presença moral que lhe permitiriam ser uma real potencia regional." ("Faltou ação diplomática preventiva do Brasil". *OESP*, 08 mai. 2006, B5)

SPREAD

Taxa de risco nos empréstimos internacionais; margem de lucro; diferença entre o preço de compra e o de venda, no mercado de ações, mercadoria ou moedas; diferença entre juros ativos e passivos.

"Os bancos irão ainda argumentar que é preciso discriminar os componentes do "*spread*" para que se possa buscar meios de reduzi-lo." ("Bancos discutem "spread" com Mantega". *FSP*, 05 mai. 2006, B2)

STOP LOSS ORDER

Ordem para que as perdas cessem. O sistema é utilizado para limitar perdas, mas também pode servir para iniciar novas posições (ordem de compra de futuros ou ordem de vender futuros)

"...pela decisão de investidores estrangeiros de deixarem suas posições, que acabaram detonando ordens de "*stop loss"* por parte de instituições locais." ("Mercado Financeiro". *OESP,* 23 mai. 2006, B12)

SWAP

Processo de crédito recíproco ou empréstimos recíprocos entre bancos, em moedas diferentes e com taxas de câmbio idênticas.

"O que pode ser feito é "*swap*" reverso, comprar reservas – vale a pena pagar o custo – aumentar a importação e reduzir os juros." ("Atuação no câmbio está na direção certa". *FSP*, 07 mai. 2006, B10)

TAG ALONG

Mecanismo que protege os acionistas minoritários em caso de venda do controle da companhia.

"Apesar das freqüentes negativas do controlador do Unibanco, o fato de ele não ter em seus estatutos o "*tag along*", levanta a suspeita de que esteja à venda." ("Venda de bancos aponta nova consolidação". *FSP,* 10 mai. 2006, B12)

TAKE OR PAY

Mecanismo que determina que se pague pelo produto mesmo que não seja consumido.

"Há um contrato firmado com o Brasil até o ano 2019, com uma cláusula "*take or pay"* (que determina que a Petrobrás pague pelo gás mesmo que não o consuma). Ou seja, nossas vendas estão garantidas até 2019." ("Ministro boliviano ironiza busca da auto-suficiência pelo Brasil". *OESP*, 30 mai. 2006, B7))

TARGET

Meta, alvo, objetivo.

"O investidor compra um título com vencimento daqui a 50 anos, mas o que ele quer é realizar o seu *target* de ganho em poucos dias ou semanas e revender o papel a quem tenha outro *target."* " ("Danos do esquecimento". *OESP*, 29 mai. 2006, B2)

TIMING

Oportunidade; cronograma; época oportuna.

"O problema é o "*timing*" talvez." ("Atuação no câmbio está na direção certa". *FSP*, 07 mai. 2006, B10)

TRADING

Empresa que pratica atividades de negociações e investimentos, especializada em comércio internacional.

" A ação do MPF se baseou num período quando havia um esforço enorme do banco de recuperar créditos com a "*trading*". ("BB afirma estar empenhado na cobrança". *FSP*, 16 jul. 2006, B2)

UPGRADE

Melhoria de posição, de qualidade.

"Os americanos estão fazendo uma revisão do seu modelo, que é o mais antigo, e isso poderá dar-lhe um *upgrade*, superando até o modelo japonês." ("TV Digital: a busca é pelo melhor modelo no longo prazo". *FSP*, 07 mai. 2006, B2)

Referências

Referências

ALVES, Ieda Maria. *Glossário de termos neológicos da economia.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. *Neologismo: Criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).

AMANCIO, Moacir. *Ato de Presença: Hinemi Homenagem a Rifka Berezin*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2006.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz.* São Paulo: Loyola, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dicionário de Termos Financeiros e Bancários*. São Paulo: Disal, 2006.

_____. *Teoria Lingüística.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMBRIDGE Advanced Learner´s Dictionary. Cambridge, UK

: Cambridge University Press, 2003.

CARVALHO, N. *O que é Neologismo.* São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Empréstimos Lingüísticos.* São Paulo: Ática, 1989.

CHRISTIANO, B.P. Pesquisa verifica análise de estrangeirismos na língua da década de 20. Disponível em: <http://www.usp.br/agen/bols/2002/rede999.htm>. Acesso em: 28/02/2007.

CRYSTAL, David. *English as a Global Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997

CUNHA, Antônio Geraldo. *Os estrangeirismos da Língua Portuguesa.* São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. *Estrangeirismos:* guerra em torno da língua, 3.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. *Linguagem & Diálogo:* as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Criar, 2003.

_____; TEZZA, Cristóvão – *Prática de Texto para estudantes universitários.* São Paulo: Vozes, 2001.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual da Redação: Folha de S.Paulo.* São Paulo: Publifolha, 2006.

GUIMARÃES, Elisa – *A articulação do texto.* São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).

HANNA, Vera L. Harabagi - Está bem bom para inglês ver : historiografando a língua e cultura inglesas no Brasil no século XIX até o início da Era Republicana, *Todas as Letras Revista de Língua e Literatura, Universidade Presbiteriana Mackenzie*, ano 6, nº 6, vol. F, 2004, p. 63-72.

HOUAISS, Antonio – Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2006. 1 CD-ROM.

LIMA, João Gabriel - O bom senso está on sale. Revista *Veja.* São Paulo: Abril, ano 2000, n°1664.

MARTINS, Eduardo (org.). *O Estado de São Paulo – Manual de redação e estilo.* São Paulo: Moderna, 2007.

MORATORI, Deborah. Ah, e nossa língua portuguesa? Disponível em: <http://www.jfservice.com.br/cidade/arquivo/jfhoje/2003/09/26-estrangeirismo>. Acesso em: 22/fev./2006.

NICOLA, José de; TERRA, Ernani; MENON, Lorena. *1001 Estrangeirismos de uso corrente em nosso cotidiano.* São Paulo: Saraiva, 2003.

PILLA, Éda Heloisa. *Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua.* São Paulo: Age, 2002.

PINHO, Manoel Orlando de Morais. *Dicionário de Termos de Negócios*. São Paulo: Atlas, 1995.

PONTE, Cristina - *Para entender as notícias.* São Paulo: Insular, 2005.

SANDRONI, Paulo. *Dicionário de Economia do século XXI.* São Paulo: Record, 2006.

SANTOS, Agenor Soares. *Dicionário de Anglicismos: e de palavras inglesas correntes em Português.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SANTOS, Emmanoel. Empréstimos lingüísticos: passado e presente. Disponível em: http://www.geocities.com/ail_br/emprestimoslinguisticos.html?200622> Acesso em 22/fev./2006.

SCHUTZ, Ricardo. O inglês como Língua Internacional. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-ingl.html>. Acesso em 15/jan./2007.

SILVA, Diana Costa Fortier; COSTA, Renato Barros. Anglicismos no Português do Brasil: uma perspectiva de análise de usos baseada em Corpora Eletrônicos, *CROP – Revista da Área de Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana Departamento de Letras Modernas.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004, nº 10, p.241-260.

SOUSA, Jorge Pedro. *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso*. São Paulo: Letras Contemporâneas, 2004.

STEINBERG, Martha. *Neologismos de Língua Inglesa.* São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

ZAPPAROLI, Zilda; CAMLONG, André. *Do léxico ao discurso pela informática.* São Paulo: EDUSP, 2002.

Anexo I – PL 1676/99

PROJETO DE LEI N°, 1676 DE 1999

(Do Sr. ALDO REBELO)

Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1°. Nos termos do caput do Art. 13, e com base no caput, I, § 1° e § 4° do Art. 216 da Constituição Federal, **a língua portuguesa**:

I - é o idioma oficial da República Federativa do Brasil;

II - é forma de expressão oral e escrita do povo brasileiro, tanto no padrão culto como nos moldes populares;

III - constitui bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro.

Parágrafo único. Considerando o disposto no caput, I, II e III deste artigo, a língua portuguesa é um dos elementos da integração nacional brasileira, concorrendo, juntamente com outros fatores, para a definição da soberania do Brasil como Nação.

Art. 2° . Ao Poder Público, com a colaboração da comunidade, no intuito de promover, proteger e defender a língua portuguesa, incumbe:

I - melhorar as condições de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa em todos os graus, níveis e modalidades da educação nacional;

II - incentivar o estudo e a pesquisa sobre os modos normativos e populares de expressão oral e escrita do povo brasileiro;

III - realizar campanhas e certames educativos sobre o uso da língua portuguesa, destinados a estudantes, professores e cidadãos em geral;

IV - incentivar a difusão do idioma português, dentro e fora do País;

V - fomentar a participação do Brasil na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa;

VI – atualizar, com base em parecer da Academia Brasileira de Letras, as normas do Formulário Ortográfico, com vistas ao aportuguesamento e à inclusão de vocábulos de origem estrangeira no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

§ 1° . Os meios de comunicação de massa e as instituições de ensino deverão, na forma desta lei, participar ativamente da realização prática dos objetivos listados nos incisos anteriores.

§ 2° . À Academia Brasileira de Letras incumbe, por tradição, o papel de guardiã dos elementos constitutivos da língua portuguesa usada no Brasil.

Art. 3° . É obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados, e pelos estrangeiros residentes no País há mais de 1 (um) ano, nos seguintes domínios socioculturais:

I - no ensino e na aprendizagem;

II - no trabalho;

III - nas relações jurídicas;

IV - na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica oficial;

V - na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica em eventos públicos nacionais;

VI - nos meios de comunicação de massa;

VII - na produção e no consumo de bens, produtos e serviços;

VIII - na publicidade de bens, produtos e serviços.

§ 1° . A disposição do caput, I- VIII deste artigo não se aplica:

I - a situações que decorram da livre manifestação do pensamento e da livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, nos termos dos incisos IV e IX do art. 5° da Constituição Federal;

II - a situações que decorram de força legal ou de interesse nacional;

III - a comunicações e informações destinadas a estrangeiros, no Brasil ou no exterior;

IV - a membros das comunidades indígenas nacionais;

V - ao ensino e à aprendizagem das línguas estrangeiras;

VI - a palavras e expressões em língua estrangeira consagradas pelo uso, registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa;

VII - a palavras e expressões em língua estrangeira que decorram de razão social, marca ou patente legalmente constituída.

§ 2° . A regulamentação desta lei cuidará das situações que possam demandar:

I - tradução, simultânea ou não, para a língua portuguesa;

II - uso concorrente, em igualdade de condições, da língua portuguesa com a língua ou línguas estrangeiras.

Art. 4° . Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei.

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, considerar-se-á:

I - prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;

II - prática enganosa, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder induzir qualquer pessoa, física ou jurídica, a erro ou ilusão de qualquer espécie;

III - prática danosa ao patrimônio cultural, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira.

Art. 5° . Toda e qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional ou em repartição brasileira no exterior a partir da data da publicação desta lei, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, terá que ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de registro da ocorrência.

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, na inexistência de palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa, admitir-se-á o aportuguesamento da palavra ou expressão em língua estrangeira ou o neologismo próprio que venha a ser criado.

Art. 6° . O descumprimento de qualquer disposição desta lei sujeita o infrator a sanção administrativa, na forma da regulamentação, sem prejuízo das sanções de natureza civil, penal e das definidas em normas específicas, com multa no valor de:

I - 1.300 (mil e trezentas) a 4.000 (quatro mil) UFIRs, se pessoa física;

II – 4.000 (quatro mil) a 13.000 ((treze mil) UFIRs, se pessoa jurídica.

Parágrafo único. O valor da multa dobrará a cada reincidência.

Art. 7° . A regulamentação desta lei tratará das sanções premiais a serem aplicadas àquele, pessoa física ou jurídica, pública ou privada, que se dispuser, espontaneamente, a alterar o uso já estabelecido de palavra ou expressão em língua estrangeira por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa.

Art. 8° . À Academia Brasileira de Letras, com a colaboração dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, de órgãos que cumprem funções essenciais à justiça e de instituições de ensino, pesquisa e extensão universitária, incumbe realizar estudos que visem a subsidiar a regulamentação desta lei.

Art. 9°. O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo máximo de 1 (um) ano a contar da data de sua publicação.

Art. 10. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. Por quê? Porque é o modo mais eficiente, apesar de geralmente lento, para impor toda uma cultura - seus valores, tradições, costumes, inclusive o modelo socioeconômico e o regime político.

Foi assim no antigo oriente, no mundo greco-romano e na época dos grandes descobrimentos. E hoje, com a marcha acelerada da globalização, o fenômeno parece se repetir claro que de modo não violento; ao contrário, dá-se de maneira insinuante, mas que não deixa de ser impertinente e insidiosa, o que o torna preocupante, sobretudo quando se manifesta de forma abusiva muitas vezes enganosa, e até mesmo lesiva a língua como patrimônio cultural.

De fato, estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos - como "holding", "recall", "franchise", coffee-break", "self-service" - e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados como "startar", "printar", "bidar, "atachar", "database". E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a

comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito das palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano, sobretudo a produção, o consumo e a publicidade de bens, produtos e serviços, para não falar das palavras e expressões estrangeiras que nos chegam pela informática, pelos meios de comunicação de massa e pelos modismos em geral.

Ora, um dos elementos mais marcantes da nossa identidade nacional reside justamente no fato de termos um imenso território com uma só língua, esta plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão, independentemente do nível de instrução e das peculiaridades regionais de fala e escrita. Esse - um autêntico milagre brasileiro - está hoje seriamente ameaçado.

Que obrigação tem um cidadão brasileiro de entender, por exemplo, que uma mercadoria "on sale" significa que esteja em liquidação ? Ou que "50% off" quer dizer 50% a menos no preço? Isso não é apenas abusivo; tende a ser enganoso. E à medida que tais práticas se avolumam (atualmente de uso corrente no comércio das grandes cidades), tornam-se também danosas ao patrimônio cultural representado pela língua.

O absurdo da tendência que está sendo exemplificada permeia até mesmo a comunicação oral e escrita oficial. É raro o documento que sai impresso, por via eletrônica com todos os sinais gráficos da nossa língua; até mesmo numa cédula de identidade ou num talão de cheques estamos nos habituando com um "Jose" - sem acentuação! E o que falar do serviço de "clipping" da Secretaria de Comunicação Social da Câmara dos Deputados, ou da "newsletter" da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano da Presidência da República, ou, ainda, das milhares de máquinas de "personal banking" do Banco do Brasil - **Banco DO BRASIL** - espalhadas por todo o País?

O mais grave é que contamos com palavras e expressões na língua portuguesa perfeitamente utilizáveis no lugar daquelas (na sua quase totalidade) que nos chegam importadas, e são incorporadas a língua falada e escrita sem nenhum critério lingüístico, ou, pelo menos, sem o menor espírito de crítica e de valor estético.

O nosso idioma oficial (Constituição Federal, art. 13, **caput**) passa, portanto, por uma transformação sem precedentes históricos, pois que esta não se ajusta aos processos universalmente aceitos, e até desejáveis, de evolução das línguas, de que é

bom exemplo um termo que acabo de usar - **caput**, de origem latina, consagrado pelo uso desde o Direito Romano.

Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural - a língua materna - que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? Como explicá-lo senão pela ignorância, pela feita de senso crítico e estético, e até mesmo pela falta de auto-estima?

Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. É preciso agir com espírito de abertura e criatividade, para enfrentar - com conhecimento, sensibiidade e altivez - a inevitável, é claro que desejável, interpenetração cultural que marca o nosso tempo globalizante. Esse é o único modo de participar de valores culturais globais sem comprometer os locais.

A propósito, MACHADO DE ASSIS, nosso escritor maior, deixou- nos, já em 1873, a seguinte lição: "Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos, é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo e decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade." (IN: CELSO CUNHA, *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, Rio de Janeiro. Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1981, p. 25 - na ortografia original de 1968).

Os caminhos para a ação, desde que com equilíbrio machadiano, são muitos, e estão abertos, como apontado por EDIRUALD DE MELLO, no seu artigo O português falado no Brasil: problemas e possíveis soluções, pulicado em CADERNOS ASLEGIS, nº 4, 1998.

O Projeto de Lei que ora submeto a apreciação dos meus nobres colegas na Câmara dos Deputados representa um desses caminhos.

Trata-se de proposição com caráter geral, a ser regulamentada no pormenor que vier a ser considerado como necessário. Objetiva promover, proteger e defender a língua portuguesa, bem como definir o seu uso em certos domínios socioculturais, a exemplo do que tão bem fez a França com a Lei nº 75-1349, de 1975, substituída pela Lei nº 94-665, de 1994, aprimorada e mais abrangente.

Quer-me parecer que o PL proposto trata com generosidade as exceções, e ainda abre a regulamentação a possibilidade de novas situações excepcionais. Por outro lado,

introduz as importantes noções de prática abusiva, prática enganosa e prática danosa, no tocante à língua, que poderão representar eficientes instrumentos na promoção, na proteção e na defesa do idioma pátrio.

A proposta em apreço tem cláusula de sanção administrativa, em caso de descumprimento de qualquer uma de suas provisões, sem prejuízo de outras penalidades cabíveis; e ainda prevê a adoção de sanções premiais, como incentivo à reversão espontânea para o português de palavras e expressões estrangeiras correntemente em uso.

Nos termos do projeto de lei ora apresentado, a Academia Brasileira de Letras continuará cabendo o seu tradicional papel de centro maior de cultivo da língua portuguesa do Brasil.

O momento histórico do Pais parece-me muito oportuno para a atividade legislativa por mim encetada, e que agora passa a depender da recepção compreensiva e do apoio decisivo da parte dos meus ilustres pares nesta Casa.

A afirmação que acabo de fazer deve ser justificada. Primeiramente, cumpre destacar que a sociedade brasileira já dá sinais claros de descontentamento com a descaracterização a que está sendo submetida a língua portuguesa frente à invasão silenciosa dos estrangeirismos excessivos e desnecessários, como ilustram pronunciamentos de lingüistas, escritores, jornalistas e políticos, e que foram captados com humor na matéria *Quero a minha língua de volta!*, de autoria do jornalista e poeta JOSÉ ENRIQUE BARREIRO, publicada há pouco tempo no JORNAL DO BRASIL.

Em segundo lugar, há que ser lembrada a reação positiva dos meios de comunicação de massa diante da situação que aqui está sendo discutida. De fato, nunca se viu tantas colunas e artigos em jornais e revistas, como também programas de rádio e televisão, sobre a língua portuguesa, especialmente sobre o seu uso no padrão culto: nesse sentido, também digno de nota que os manuais de redação, e da redação, dos principais jornais do País se sucedam em inúmeras edições, ao lado de grande variedade de livros sobre o assunto, particularmente a respeito de como evitar erros e dúvidas no português contemporâneo.

Em, terceiro lugar, cabe lembrar que atualmente o jovem brasileiro está mais interessado em se expressar corretamente em português, tanto escrita como oralmente, como bem demonstra a matéria de capa - *A ciência de escrever bem* - da revista ÉPOCA de 14/6/99.

Por fim, mas não porque menos importante, as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil se oferecem como oportunidade ímpar para que discutamos não apenas o período colonial, a formação da nacionalidade, o patrimônio histórico, artístico e cultural da sociedade brasileira, mas também, e muito especialmente, a língua portuguesa como fator de integração nacional, como fruto - tal qual a falamos - da nossa diversidade étnica e do nosso pluralismo racial, como forte expressão da inteligência criativa e da fecundidade intelectual do nosso povo.

Posto isso, posso afirmar que o PL ora submetido à Câmara dos Deputados pretender com os seus objetivos, tão-somente conscientizar a sociedade brasileira sobre um dos valores mais altos da nossa cultura - a língua portuguesa. Afinal, como tão bem exprimiu um dos nossos maiores lingüistas. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA, no Prefácio de sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (28º ed., São Paulo, Edição Saraiva. 1979), "conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. ... A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?".

Movido por esse espírito, peço toda a atenção dos meus nobres colegas de parlamento no sentido de apoiar a rápida tramitação e aprovação do projeto de lei que tenho a honra de submeter a apreciação desta Casa legislativa.

Sala das Sessões, em 15 de setembro de 1999.

Deputado **ALDO REBELO**

Anexo II – Amostra do Corpus

O Estado de S. Paulo - Maio/2006

Coca-Cola faz recall de garrafas no Japão

A Coca-Cola fez no início desta semana um recall de 570 mil garrafas do refrigerante no Japão, após encontrar resíduos de pó de ferro no fundo das mesmas. O porta-voz da empresa no país, Kota Takasugi, disse que o consumo das bebidas com ferro não causa nenhum dano à saúde, mas o recall seria uma medida preventiva. As garrafas com problemas foram distribuídas na região oeste do Japão. O ferro se misturou à bebida devido a um problema na máquina que adiciona açúcar ao refrigerante.

PETRÓLEO

Total e Aramco farão refinaria no Golfo

A empresa francesa de energia Total fez um acordo com a estatal saudita Aramco para construir uma refinaria com capacidade para 400 mil barris/dia na cidade de Jubail, no Golfo Pérsico. Voltada para a exportação, a refinaria começaria a operar em 2011. Cada uma das companhias teria 35% de controle sobre a joint-venture. O projeto está avaliado em US$ 5 bilhões. O acordo foi fechado no encontro do ministro de finanças francês Thierry Breton com autoridades sauditas, no sábado.

Hoje em dia não há mais como alongar o perfil da dívida sem dar liquidez quase que imediata aos papéis. O investidor compra um título com vencimento daqui a 50 anos, mas o que ele quer é realizar o seu *target* de ganho em poucos dias ou semanas e revender o papel a quem tenha outro *target*. O mundo vive sob o império do ganho financeiro de curto prazo, nada mais.

Então, o Tesouro acaba se vendo numa armadilha. Se não der liquidez ao papel que pensava ter vendido por longo prazo, nunca mais consegue vender papéis àquele credor ou a seus associados. Estreita com isso sua margem de manobra para rolagem da sua dívida.

A busca de liderança regional pelo Brasil incomodou os EUA?

Não. Os EUA aquiesceram, à medida em que a pretensão brasileira de liderança não envolveu confrontação com Washington. Ao mesmo tempo, os EUA nunca levaram essa pretensão de liderança muito a sério. O Brasil não tem os recursos, poder militar, "soft power" e presença moral que lhe permitiriam ser uma real potência regional. No final, os países da região continuaram a gravitar em torno dos EUA.

AVIAÇÃO

Varig vai enfrentar mais 5 ações nos EUA

Alberto Komatsu
RIO

A Justiça americana deve receber até cinco ações de reintegração de posse de aeronaves da Varig nos próximos dez dias. A informação é de uma fonte que acompanha as negociações da companhia com empresas internacionais de arrendamento de aviões (leasing). Depois do período de proteção de 180 dias da Lei de Recuperação Judicial, já vencido, todas as arrendadoras podem usar esse recurso.

Delfim: real virou commodity

O Estado de S. Paulo - Junho/2006

Mentor do Plano Real, juntamente com André Lara Resende e Pérsio Arida, o economista Edmar Bacha é o convidado da coluna deste domingo. Entre outras, defende mecanismos de regulação para os hedge funds, que hoje são players de peso na economia mundial. A atual volatilidade externa é só um soluço da economia mundial? Segundo Bacha, não. Mas tampouco acha que dê para classificar o processo como o esperado início do ajuste do déficit americano.

Coca-Cola faz recall de garrafas no Japão

A Coca-Cola fez no início desta semana um recall de 570 mil garrafas do refrigerante no Japão, após encontrar resíduos de pó de ferro no fundo das mesmas. O porta-voz da empresa no país, Kota Takasugi, disse que o consumo das bebidas com ferro não causa nenhum dano à saúde, mas o recall seria uma medida preventiva. As garrafas com problemas foram distribuídas na região oeste do Japão. O ferro se misturou à bebida devido a um problema na máquina que adiciona açúcar ao refrigerante.

CODE-SHARE

O sonho de Efromovich era fazer um acordo de compartilhamento de vôos (code-share) com a Varig e, quando a falência fosse decretada, ele se veria no direito de usar os slots. O modelo desenhado pelo empresário encontra fortes resistências na Agência Nacional de Aviação Civil (Anac). Segundo analistas ouvidos pela reportagem, as empresas concorrentes, principalmente TAM e Gol, jamais iriam admitir que o poder concedente permita uma transferência assim. "Se fosse tão fácil, teria uma fila de gente para comprar a massa falida da Va-

Hedge funds precisam ter mecanismos de regulação

estratégia, mas uma é comum a todas instituições: a parceria com redes varejistas para colocar bandeiras nos cartões de loja. No mercado, dizem que é a migração dos cartões private label (bandeira própria) para o co-branded (bandeira compartilhada), uma alternativa para atingir também classes mais baixas. Ou seja, quem tem cartões de loja poderá usá-los em outros estabelecimentos.

ARMÍNIO FAZ ESCOLA

Em conversa, ontem, com esta coluna, Armínio Fraga e Ilan Goldfajn comunicaram a saída de Goldfajn da Gávea Investimentos.

A exemplo de outro ex-sócio da empresa, Luiz Fernando Figueiredo, ele parte para vôo solo. "Eu sempre soube que tanto um quanto o outro tinha experiência e conhecimento para tanto. O Luiz Fernando já deu prova disso ante o sucesso da sua Mauá Investimentos", ponderou Fraga. "Depois de anos trabalhando juntos, a decisão, do lado emocional, foi difícil. Mas amadurecemos a saída durante um ano", completa Goldfajn.

Pelo jeito, trabalhar com Fraga significa crescer sem deixar mágoas. Não são todos os players de mercado que aceitam que sócios saiam para se tornar concorrentes, e ainda desejem boa sorte.

A busca de liderança regional pelo Brasil incomodou os EUA?

Não. Os EUA aquiesceram, à medida em que a pretensão brasileira de liderança não envolveu confrontação com Washington. Ao mesmo tempo, os EUA nunca levaram essa pretensão de liderança muito a sério. O Brasil não tem os recursos, poder militar, "soft power" e presença moral que lhe permitiriam ser uma real potência regional. No final, os países da região continuaram a gravitar em torno dos EUA.

Até 2004, boom de exportações

Delfim: real virou commodity

TURBULÊNCIA GLOBAL

Efeito Bernanke tem seu 'day after'

O Estado de S. Paulo - Julho/2006

CNI pede spread bancário menor

Marcelo Rehder

Os bancos só começaram a reduzir o spread (diferença entre o custo de captação do dinheiro e a taxa cobrada nos empréstimos tomados pelo consumidor) a partir do segundo trimestre deste ano, embora a Selic, que é referência para o custo de captação, estivesse em queda desde setembro de 2005. Levantamento da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que o spread médio bancário caiu ligeiramente para 28,6% ao ano em maio, ante 30,2% até fevereiro.

A taxa média dos empréstimos às pessoas físicas atingiu 56,1% ao ano em maio, ante 59,7% em janeiro, segundo o Banco Central. No caso das empresas, a taxa passou de 31,3% para 29,7% ao ano. Para a CNI, o corte dos juros cobrados pelos

cos centrais sobre a atividade bancária, essa regulação é feita, no dia-a-dia, pela administração do mercado de reservas bancárias, e o principal instrumento de ação direta dos bancos centrais sobre as economias é o custo overnight dessas reservas. Despidas as relações entre as instituições financeiras de suas peculiaridades locais, uma meta para o custo das reservas bancárias é anunciada periodicamente, às vezes complementada por uma taxa

O saldo das operações com recursos livres aumentou 0,8%, mas o dos recursos direcionados, mais baratos, cresceu em junho apenas 0,4%. No caso dos empréstimos do BNDES houve até uma redução de 0,4%.

As instituições financeiras privadas anteciparam-se aos bancos oficiais na redução de "spread", que, em junho, caiu para 13,6 pontos porcentuais (pp), ante 14 pp em maio, no caso das pessoas jurídicas, e para 40,6 pp, ante 41,1 pp, no caso das pessoas físicas.

No entanto as taxas efetivas de juros, embora sejam as mais baixas desde 1994, ainda são

Sob alguns aspectos, a Ford Brasil estava em piores condições no fim dos anos 90 do que a Ford EUA está hoje. Depois que a Autolatina, a joint venture com a alemã Volkswagen AG, foi desfeita em 1995, a subsidiária brasileira da Ford enfrentou um aumento dos custos fixos e uma escassez de novos produtos. Sua

cado é metade do alcançado pela BHP, que ultrapassou os US$ 100 bilhões. A segunda do ranking a Rio Tinto é, como a BHP, uma empresa integrada, com ramificações em todos os minérios e no setor de energia.

A revista *The Economist*, em sua edição de 15 de junho passado, trouxe um dossiê – a "internet física" – sobre a revolução nos transportes de mercadorias, mostrando como o "achatamento" do mundo não é um fenômeno circunscrito aos serviços e ao manejo das tecnologias de informação. Na verdade, o "just-in-time", a resposta flexível e rápida a clientes, bem como o acesso fácil a fornecedores, são fatores competitivos num número cada vez maior de ramos produtivos na economia global, algo que se vem fazendo acompanhar por verdadeira revolução na logística de transporte e comércio de bens físicos. Tudo isso, é claro, é incompatível com fricções desnecessárias nas aduanas e na logística.

CRISE NO AR

No day after, confusão nos guichês

Nos Estados Unidos, a Southwest, primeira companhia aérea do mundo a adotar o conceito de custos e tarifas baixas (low cost, low fare em inglês), é comandada por uma mulher, Collen Barret. A Southwest foi fundada em 1971, opera 3 mil vôos diários para 63 cidades,

Para Everaldo Maciel, superávit é obtido com receitas 'efêmeras', como dividendos de estatais e royalties

SIDERURGIA

Avançam negociações da CSN nos EUA

A CSN afirmou ontem que as negociações sobre uma aliança estratégica com a americana Wheeling-Pittsburgh Steel Corporation estão em estágio avançado. Em comunicado à CVM, a siderúrgica disse acreditar que a aliança trará grandes benefícios, como integração de know-how de produção global e instalações e acesso a insumos fundamentais.

Folha de S. Paulo - Maio/2006

COMÉRCIO EXTERIOR *Países da OMC aplicaram 40 medidas contra o país em 2005; Brasil é o que menos solicita ação antidumping*

China é campeã de acusações de dumping

Participante de Natal lidera o ranking do pregão virtual

SANDRA BALBI
DA REPORTAGEM LOCAL

As aplicações em ações via internet, dentro do sistema de "home broker" do Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo), bateram recorde de volume financeiro e número de negócios em abril. A média diária de negócios chegou a R$ 268,9 milhões e a 34,1 mil operações de compra e venda. A participação do "home broker" no total de negócios da Bolsa atingiu a máxima histórica de 21,31%.

Nos últimos 12 meses, o número de investidores que usam a internet para negociar suas ações cresceu 88%, totalizando 57.939 pessoas físicas com ofertas colocadas.

Parte desse movimento é de novos investidores, mas algumas corretoras, como a Ágora Sênior, já registram migração de clientes que antes negociavam por meio dos "brokers" das mesas de operação para o sistema on-line. "As operações pelo 'home broker' são mais baratas do que na mesa, no nosso caso, o que é um dos atrativos para quem tem uma carteira grande de ações", diz Álvaro Bandeira, sócio- diretor da Ágora.

Também ajudaram a impulsionar o "home broker" o cenário interno. "O mercado está muito fa-

A Telemar deixaria de ter acionistas controladores; as ações preferenciais ganhariam direito a voto, e seria criada uma nova holding, batizada de Oi Participações.

De acordo com a associação os supermercados investiram em promoções, incentivaram as vendas a crédito e adequaram e ampliaram o mix de produtos e serviços.

» NO BRASIL
Vai tentar repetir o sucesso na linha "low profile", sem grandes propagandas. Não fala em volume investido nem em meta de lojas a serem abertas

"market share" ao longo d 2004 e 2005, você teve perda de "market share" de dua companhias: da Vasp, que saiu do mercado, e da própria Varig que já estava perdendo "share". Nesse período, a TAM levou dois terços dessa perda de "market share" e a Gol levou um terço. Isso porque ambas, tanto TAM quanto Gol, estavam ofertando, e continuam ofertando. Não é verdade que só a Gol planejou, nós também planejamos. Tanto que neste ano estamos trazendo 13 aviões e aumentamos a utilização dos aviões. A Gol está trazendo neste ano 13 aviões. O crescimento deles relativamente é maior. Quando você olha a base de comparação deste ano, ou seja, até maio de 2005, a TAM estava em um "code share" [compartilhamento de vôos], quando saiu do "code share" demos um salto na oferta.

Cotado a R$ 2,06 no dia 9 deste mês, véspera do período de alta volatilidade atual, o dólar vem ganhando terreno e fechou ontem a R$ 2,36. Além dos bons resultados da balança comercial, ajudaram a valorização do real ante o dólar, desde março do ano passado, as pesadas apostas de "hedge funds" internacionais na moeda brasileira e contra o dólar.

bancas de advocacia da praça. Entre os diretores, tem dona Beatriz Pimenta Camargo, que também é do "board" do MoMA. O sogro de sua filha é Aloisio Rebello de Araújo, dono da CBPO. E tem Manuel Francisco Pires da Costa, homem de finanças muito bem-sucedido e um bom intérprete de sambas-canções.

Como o país já tem um fluxo forte de moeda estrangeira devido ao crescimento das exportações, a avaliação era que não seria preciso vender dólares e atuar diretamente na formação da taxa de câmbio à vista, mas, sim, negociar contratos especiais de câmbio, conhecidos no jargão financeiro por "swap reverso". Essas operações influenciam as cotações futuras que, indiretamente, interferem no preço do dólar hoje.

MANTEGA E OS BANCOS

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, convocou os grandes banqueiros do país para reunião depois de amanhã na sede da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), em São Paulo, para discutir o "spread" bancário. Segundo um dos banqueiros convocados, Mantega quer saber por que o "spread" não acompanha a queda da Selic. O ministro quer estimular o crédito no país.

Folha de S. Paulo - Junho/2006

FOLHA DE S.PAULO

Vaivém das commodities

MAURO ZAFALON
mzafalon@folhasp.com.br

Piora turca

Ontem, a agência de classificação de risco Standard & Poor's revisou a perspectiva do "rating" (nota de risco) da Turquia de "positiva" para "estável". Motivo da revisão: as estimativas para os fundamentos econômicos no país estão se deteriorando.

man e Renato Maudonnet Jr., diz que seus clientes tinham uma conta no Merchants Bank de Nova York, controlada por uma "offshore" chamada Best Consult, mas nunca fizeram remessas de dólares.

"Quem enviava recursos para a conta dessa 'offshore' era o Laniado. E não eram remessas feitas a partir do Brasil. Era dinheiro de brasileiro que já estava no exterior. Só há movimen-

Em tese, a queda da Selic reduz o custo que os bancos têm para captar dinheiro no mercado e deveria levar também à queda dos juros bancários. Esse repasse pode ser medido pelo comportamento do chamado "spread" bancário — a diferença entre o custo de captação das instituições financeiras e a taxa efetivamente cobrada nos empréstimos. Em setembro do ano passado, um banco pagava, em média, 19,2% ao ano para captar recursos no mercado e cobrava 33,3% para repassá-los a empresas interessadas em obter crédito. Logo, o "spread" era de 14,1 pontos percentuais.

Com essa intenção, seus executivos estão correndo o mundo e apresentando a empresa a dois tipos de investidores: os "hedge funds" (fundos de hedge, altamente especulativos) e os fundos de longo prazo (como fundos de pensão) que entram no mercado para ficar no mínimo três anos.

"Drawback" abre a chance de novas fábricas virem a se instalar no país de olho na obtenção de misturas, ou "blends" para exportação

IURI DANTAS
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Nem crédito nem renegociação de dívidas. O que o setor de café mais celebrou no último pacote para a agricultura lançado pelo governo foi a ampliação do regime de "drawback". O mecanismo, estimam especialistas, poderá elevar a agressividade brasileira e alçar o país de maior produtor mundial a principal plataforma de exportação do produto.

A Fitch elevou o "rating" (nota de risco) da dívida soberana do Brasil de longo prazo em moeda estrangeira para "BB", vindo de "BB-". Com isso, a nota brasileira está a dois degraus da categoria "investment grade" — dada a países que têm poucos riscos de darem calote em sua dívida.

Quem atinge o "investment grade" passa a conseguir com mais facilidade e a menores custos empréstimos no mercado internacional.

"Estamos hoje a dois degraus do 'investment grade'. O cenário mais otimista diz que atingiremos esse status lá para 2008", diz Alexandre Maia, economista-chefe da GAP Asset Management. "O importante é que tem havido diferenciação entre o Brasil e outros emergentes, como a Turquia."

corredores da burocracia em Brasília tentando convencer legisladores e ministérios sobre a importância da codificação do sinal digital. "Estão todos falando sobre a escolha do padrão e ninguém está se preocupando com o 'day after'. Por que os produtores vão vender para uma emissora que não protege o sinal?"

Atualmente, o Brasil não compete com outros países consumidores, como Itália e Alemanha, porque o custo para trazer o grão de outro país e misturá-lo aqui com o café nacional encarece o preço final. O "drawback" abre a chance de novas fábricas se instalarem no país de olho na obtenção de misturas, ou "blends", como são chamadas.

Polêmica no setor

Até o ano passado, nem mesmo os diversos ramos ligados ao café se entendiam sobre o "drawback". Quem lidava com café solúvel queria, mas os produtores eram contra — até sentarem-se à mesma mesa e concordarem em regras fitossanitárias e salvaguardas comerciais para proteger a safra nacional em casos de crise.

De acordo com o Ministério da Agricultura, o projeto de extensão do "drawback" deve ser encaminhado à Camex (Câmara de Comércio Exterior) nas próximas semanas.

"Está mais do que em tempo de esse mecanismo ser possível. O importante é inserir o Brasil no mercado mundial. Hoje em dia, não exportamos mais café porque não fazemos 'drawback'. Isso vai aumentar a competitividade", disse Nathan Herszkowicz, diretor-executivo da Abic (Associação Brasileira de Indústria do Café).

Segundo a professora da USP Sylvia Saes, a participação do café brasileiro no mercado eterno aumenta em termos absolutos, mas cai relativamente. Ou seja, vende-se mais café, mas a porcentagem brasileira no ranking mundial vem diminuindo desde 1997.

Mas ainda haveria tempo de virar a partida. "Temos condições de competir com o custo, faltam melhores resultados por não conhecermos bem outros mercados", explica Saes.

Folha de S. Paulo - Julho/2006

Casas Bahia vende 3 de cada 5 TVs do país

DA REPORTAGEM LOCAL

De cada cinco TVs vendidas pelo varejo no país, três são comercializadas pela Casas Bahia, a maior rede de eletromóveis do Brasil. A cadeia se transformou na empresa varejista com a maior poder de barganha do setor

Quem fica fora das prateleiras da rede, despenca no ranking geral de participação de mercado ("market share") em eletroeletrônicos. Em 2002, a Mitsubishi ficou de fora de todas as lojas da rede de junho a dezembro. Em seis meses, a marca caiu da terceira para a 15ª posição em vendas de TVs no país.

Não é porque vende altos volumes que a rede repassa para os preços os ganhos que consegue nas negociações com fornecedores. A empresa evita esse repasse para não castigar sua margem de lucro.

"É nossa obrigação estimular os bancos públicos para que possam implementar políticas que venham no sentido de reduzir os seus spreads". O ministro argumentou ainda que, embora essas instituições pratiquem taxas menores do que a concorrência privada, os juros "ainda são considerados elevados".

Segundo o ministro, Lula sempre acompanhou o desempenho das instituições públicas e a evolução do mercado de crédito. "Só que, agora, se colocou em pauta essa temática".

Fundos constitucionais

Mantega admitiu a possibilidade de diminuir a taxa cobrada nos financiamentos feitos com recursos do fundos constitucionais do Norte (FNO), Nordeste (FNE) e Centro-Oeste (FCO), mas disse que ainda irá avaliar o assunto melhor.

Além disso, disse que está estudando também propostas feitas pelo setor privado para tentar reduzir os spreads.

A preocupação do governo é que, apesar da queda na taxa

Toyota anuncia recall de 420 mil automóveis

DA REDAÇÃO

A Toyota anunciou ontem recall de cerca de 420 mil veículos de 12 modelos diferentes, todos fabricados em 2001. A montadora informou que um problema em uma peça do motor pode causar vazamento de óleo, interrompendo o funcionamento do carro. Segundo a empresa, não há notícia de acidentes por esse problema.

A maioria dos carros afetados pelo recall está no Japão, mas aproximadamente 35% foram vendidos para o exterior, especialmente EUA e Canadá. A assessoria de imprensa da Toyota no Brasil disse que o problema não deverá afetar os veículos da companhia no país.

Também ontem uma subsidiária da empresa japonesa fez o recall de quase 2.000 caminhões que têm problemas no sistema de freio. No começo do mês, mais de 367 mil carros da Toyota foram chamados a comparecer a concessionárias nos EUA. Na ocasião, foi alegado que problemas com uma peça do console poderia interferir na embreagem.

Segundo Pires, a empresa tem problemas financeiros e de gestão, mas, se for comprada, pode sobreviver pelo know-how (conhecimento, experiência) que tem do mercado. "O mercado de aviação está em ascensão, cresce de 14% a 16% ao ano. Se a Varig ficar, terá condições. Eu desejo que isso possa acontecer", afirmou. "O final feliz vai depender do resultado do leilão."

Mesmo depois de ter sido comprada pela VarigLog, a operação da Varig era irregular na semana passada. "Os dados mostram que, nessa fase de crise da Varig, ela acabou sendo a alternativa 'low fare'", afirma o economista Alessandro de Oliveira, coordenador do Nectar.

O levantamento nos sites foi feito entre os dias 25 e 29 de maio, portanto antes da venda da Varig para a VarigLog, que ocorreu no dia 20 deste mês.

A pesquisa mostra que a tarifa média por km da TAM para essas rotas era entre 12% e 13% mais alta do que a da Gol para passagens vendidas pelas companhias na internet.

Perfis

Apesar de, na média, a tarifa da TAM ser mais alta nessas rotas de longa distância, a "low cost, low fare" (baixo custo, baixa tarifa) Gol tinha o preço mais alto em duas situações: quando os preços pesquisados eram condizentes com o perfil de passageiros viajando a negócios e turistas de feriado (no caso, o de Corpus Christi).

Os preços variam de acordo com a antecedência de compra e quantidade de dias no destino (passageiros de negócios, por exemplo, em geral compram com antecedência menor e por isso o preço sobe). Com base nessas diferenças, o Nectar pesquisou preços para diferentes perfis de passageiros.

Mesmo se restringindo a algumas rotas de longo percurso

Conjuntamente com a notícia da suspensão da rodada, a OMC (Organização Mundial do Comércio) publicou seu "Relatório Anual" de 2006. Pura mas significativa coincidência! Segundo o relatório, os países ricos, que, por meio do seu "soft power", impõem-nos uma ortodoxia convencional fundamentalista de mercado, são responsáveis por 80% dos subsídios concedidos no mundo. Subsídios principalmente à

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo